

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**ANNA VICTÓRIA SOARES MENEZES**

**A invisibilidade da obra indianista Simá– Romance histórico do Alto Amazonas de  
Lourenço Amazonas: abordagem histórico-literária do Amazonas no século XIX**

**PARINTINS – AM  
2025**

**ANNA VICTÓRIA SOARES MENEZES**

**A invisibilidade da obra indianista Simá– Romance histórico do Alto Amazonas de Lourenço Amazonas: abordagem histórico-literária do Amazonas no século XIX**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras, pela Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP/UEA  
**Orientadora:** Me. Dilce Pio Nascimento

**PARINTINS – AM  
2025**

# ANNA VICTÓRIA SOARES MENEZES

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

M541i

Menezes, Anna Victória Soares

A invisibilidade da obra indianista Simá - romance histórico do Alto Amazonas de Lourenço Amazonas : abordagem histórico-literária do Amazonas no século xix / Anna Victória Soares Menezes . Manaus : [s.n], 2025.

49 f. : ; 21,0 cm.

TCC - Graduação em Letras- Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.

Orientador: Nascimento, Dilce Pio.

1. Invisibilidade. 2. Cânone literário. 3. Histórico-literário. 4. Indianismo. 5. Simá. I. Nascimento, Dilce Pio (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)81

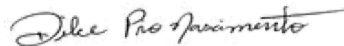
ANNA VICTÓRIA SOARES MENEZES

**A invisibilidade da obra indianista Simá – Romance histórico do Alto Amazonas de Lourenço Amazonas: abordagem histórico-literária do Amazonas no século XIX**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa- da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Licenciada(o) em Letras.

Aprovado em: 20/06/2025

**BANCA EXAMINADORA**



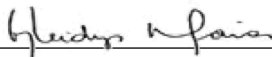
---

Profª. Me. Dilce Pio Nascimento (**Presidente** CESP/UEA)  
Orientadora



---

Profª. Dra. Mônica Xavier de Medeiros (Membro - CESP/UEA)



---

Profª. Dra. Gleidys Meyre da Silva Maia (Membro - CESP/UEA)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico essa monografia (em partes) no singular, eu, Anna Victória Soares Menezes, e no plural, nós, a todos aqueles que de forma explícita e implícita me ajudaram na construção da pesquisa. A cada etapa dessa jornada acadêmica e pessoal, fora dedicada exclusivamente aos estudos, trabalho, família e a Deus. Reitero que a dedicação mútua parte de um exausto trabalho braçal de meus pais, que caminharam na dificuldade do passado para que usufrua do conforto do presente.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ele ter me guiado esses anos todos e principalmente me dado saúde para viver e enfrentar as dificuldades do cotidiano. Acredito que ele esteja comigo, me guiando por todo tempo, me enviando sabedoria, alegria, paciência, responsabilidade, para que nada me abale ou me deixe cair em tentação e fazer boas escolhas durante a minha jornada pessoal e profissional.

Agradeço também a minha família, pelo apoio psicológico e financeiro, pelo carinho e compressão nos trabalhos diários. Assim, pude perceber a importância do incentivo dos familiares para que eu acredite em mim mesma na realização dos meus sonhos e assim, ter uma vida independente através do conhecimento. Aos meus pais Márcia Vasconcelos Soares e Mário Dalmiro Nogueira Menezes, bem como sou grata ao apoio de meus irmãos Maria Soares, Marcela Soares, Juliana Soares e Antônio Soares.

Ressalto também, meu agradecimento a orientadora da disciplina de PPAL, professora Me. Dilce Pio Nascimento, pelo apoio teórico e emocional para escrita desta monografia. Estendo minha gratidão às minhas amigas Fabiana Vasconcelos e Ligiane Azevedo, bem como, todos meus amigos e colegas do CESP-UEA, pois sem eles não conseguiria me desenvolver como acadêmica e ser humano. A amizade dentro de sala é fundamental para estudar em um ambiente harmonioso e afetoso. Dessa forma, é notório destacar os professores mestres, que percorreram junto a mim, esta trajetória profissional e pessoal, os ensinamentos bases e raios, levarei para a vida.

Meu muito obrigado também, as escolas que fiz estágio I e II- Ensino Fundamental e Ensino Médio, pois contribuíram para minha formação acadêmica em disciplinas obrigatórias. Além disso, sou grata ao projeto PIBID- Letras e PIBID-Interdisciplinar, que proporcionou experiências incríveis nas escolas e auxiliou financeiramente com bolsas para que eu pudesse continuar os estudos.

Também agradeço a banca avaliadora, pelas considerações dadas pelas professoras Dras. Mônica Xavier e Gleidys Maia que contribuíram para a aprovação final desta monografia. Portanto, agradeço imensamente a cada pessoa que faz parte da minha vida, seja ela presente ou ausente, cada qual me tornou este ser humano, e trouxe um pedaço das suas vidas para dentro de mim.

## RESUMO

Este trabalho busca valorizar a obra indianista “Simá- Romance Histórico do Alto Amazonas” (1857), de Lourenço da Silva Araújo Amazonas, notavelmente negligenciada nos estudos literários. O objetivo principal é analisar a invisibilidade dessa obra por meio de uma abordagem histórico-literária do Amazonas no século XIX, visando demonstrar seu impacto na identidade amazônica. A metodologia adotada, de cunho bibliográfico e exploratório de natureza qualitativa, utiliza uma abordagem indiciária e a análise comparativa como procedimento. Nessa perspectiva, a pesquisa integra leitura, reflexão, análise crítica, recepção e discussão crítico-reflexiva, com fundamentação teórica de autores como Ginzburg (1989), Marconi e Lakatos (2017), Severino (2013), entre outros. Os resultados constataam que, embora marginalizada e silenciada pelo cânone literário, *Simá-Romance Histórico do Alto Amazonas* contribui significativamente para a preservação de uma parte esquecida da literatura brasileira. Portanto, esta pesquisa fortalece o reconhecimento da produção literária do Norte como parte essencial da memória e história do Amazonas, por meio da análise dessa narrativa pioneira. Para embasamento teórico, foram utilizados autores como Candido (2002), Cunha (1990), Mignolo (2003), Souza (2003; 2019), Telles e Graça (2021), entre outros de igual relevância.

**Palavras-chave:** Invisibilidade. Cânone Literário. Histórico-Literário. Indianismo. *Simá*.

## ABSTRACT

This paper seeks to highlight the Indianist work “Simá- Romance Histórico do Alto Amazonas” (1857), by Lourenço da Silva Araújo Amazonas, which has been notably neglected in literary studies. The main objective is to analyze the invisibility of this work through a historical-literary approach to the Amazon in the 19th century, aiming to demonstrate its impact on the Amazonian identity. The adopted methodology, of a bibliographic and exploratory nature of a qualitative nature, uses an evidentiary approach and comparative analysis as a procedure. From this perspective, the research integrates reading, reflection, critical analysis, reception and critical-reflexive discussion, with theoretical foundations from authors such as Ginzburg (1989), Marconi and Lakatos (2017), Severino (2013), among others. The results show that, although marginalized and silenced by the literary canon, Simá-Romance Histórico do Alto Amazonas contributes significantly to the preservation of a forgotten part of Brazilian literature. Therefore, this research strengthens the recognition of literary production from the North as an essential part of the memory and history of Amazonas, through the analysis of this pioneering narrative. For theoretical support, authors such as Candido (2002), Cunha (1990), Mignolo (2003), Souza (2003; 2019), Telles and Graça (2021), among others of equal relevance, were used.

**Keywords:** Invisibility. Literary Canon. Historical-Literary. Indianism. Sim

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>9</b>  |
| <b>CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>  | <b>11</b> |
| <b>1.1 O contexto histórico e literário do Amazonas no século XIX.....</b>          | <b>11</b> |
| <b>1.2 O indianismo brasileiro e obras esquecidas pelo cânone literário.....</b>    | <b>13</b> |
| <b>1.3 Decolonialidade da literatura no Amazonas .....</b>                          | <b>17</b> |
| <b>CAPÍTULO II: METODOLOGIA.....</b>  | <b>20</b> |
| <b>2.1 Abordagem metodológica.....</b>  | <b>20</b> |
| <b>2.2 Fases da pesquisa .....</b>  | <b>22</b> |
| <b>2.3 Limitações da pesquisa .....</b>   | <b>25</b> |
| <b>CAPÍTULO III: ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS .....</b>                            | <b>28</b> |
| <b>3.1 Lourenço Amazonas: o lugar da fala do autor de Simá.....</b>                 | <b>28</b> |
| <b>3.2 O entrelaçamento entre história e literatura em Simá.....</b>                | <b>30</b> |
| <b>3.3 Simá-Romance Histórico do Alto Amazonas: a primeira obra indianista.....</b> | <b>35</b> |
| <b>3.4 O protagonismo feminino indígena .....</b>                                   | <b>38</b> |
| <b>3.5 A invisibilidade da obra indianista Simá.....</b>                            | <b>40</b> |
| <b>3.6 Reflexões e recepção crítica da obra.....</b>                                | <b>42</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>45</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>47</b> |

## INTRODUÇÃO

O tema proposto busca a valorização da obra indianista *Simá: Romance Histórico do Alto Amazonas* (1857) de Lourenço da Silva Araújo Amazonas, invisibilizada ou pouco mencionada no campo da literatura, sendo revelada em seu apagamento nos compêndios literários, por uma notável supressão do cânone literário amazônico. Outro ponto chave destacado, dedica-se à abordagem histórico-literária do Amazonas no século XIX, isto é, para se ter a expansão do reconhecimento do livro, faz-se necessário trazer uma análise da fortuna crítica como resposta contra o silenciamento e a marginalização.

Nessa linha de raciocínio, cabe, ainda, enfatizar que essa narrativa aborda uma denúncia crítica para a época, o estupro penetrado pelas marcas dos colonizadores, que é originário da identidade cultural brasileira desde 1500. Nessa perspectiva, o trabalho tem como objetivo geral: analisar a invisibilidade da obra indianista *Simá-Romance Histórico do Alto Amazonas*, explorando abordagens histórico-literárias no contexto do Amazonas no século XIX, buscando viabilizar o impacto na identidade amazônica. Bem como os objetivos específicos: Investigar o contexto histórico e literário do Amazonas no século XIX; realizar uma análise crítica da obra *Simá-Romance Histórico do Alto Amazonas* de Lourenço Amazonas e sua recepção na fortuna crítica; Identificar as possíveis razões para a falta de reconhecimento e visibilidade da obra na época e atualidade; Contextualizar e propor reflexões sobre o resgate e valorização da obra literária negligenciada no panorama literário amazônico.

Desse modo, propõe-se contribuir para a desconstrução de estereótipos formados por narrativas romantizadas e impostas por um caráter nacional omisso. Reconhecer que a invisibilidade não favorece a sociedade é uma peça essencial para a conscientização, pois, trata-se de um enriquecimento na história e literatura do Amazonas. Por isso, investigar e analisar a obra é uma proposta de intervenção para que essa problemática seja reconhecida como fundamental para o contexto do momento e da contemporaneidade. Ainda assim, a idealização é uma figura embutida na sociedade, e cabe ao pesquisador tomar cuidado com termos pejorativos e pré-conceitos da época, que não estão mais em diálogo com o cotidiano atual, afim de não desenvolver generalizações externas nos possíveis dados e resultados.

No Capítulo I, intitulado “Referencial Teórico” são elencados alguns autores que pautam a respeito geral do contexto, literatura e história, obras e a decolonialidade no Amazonas. Ambos evidenciam a voz da minoria, e aspectos culturais, históricos, políticos, sociais e econômicos que representam o real protagonismo dos povos originários, ao invés de

uma visão exclusivamente da colonialidade. Embora a pesquisa surja do Romantismo: Indianismo Brasileiro, sua contribuição teórica está para além da época, e sim, o ressaltado é o pensamento de preservação e respeito as discussões já publicadas, tais como Bloom (2010); Souza (2003; 2019); Telles e Graça, (2021); Mignolo (2003), entre outros.

No Capítulo II intitulado “Metodologia”, são explicitados os caminhos que foram utilizados para chegar aos objetivos. Assim, fora utilizada a pesquisa teórica de cunho bibliográfico, de natureza qualitativa que tem por finalidade explorar o contexto histórico-literário do Amazonas no século XIX. Além disso, utiliza-se também uma abordagem indiciária através de elementos da narrativa que dialoguem com o tema, recepção e análise crítica/comparativa da época e atualidade. São elementos coletados pelo levantamento teórico e na Literatura, que fundamentam e embasam as proposições deste trabalho. Outro quesito dos procedimentos e métodos, é a interpretação e discussão dos resultados pelas análises feitas e dados coletados que irão contribuir para validar e alcançar as conclusões. Dessa forma, a metodologia utilizada permeia uma abordagem específica da pesquisa, que une a análise textual, contextualização histórico-literário e a discussão crítica e reflexiva para melhor entender os motivos da invisibilidade da obra indianista *Simá* de Lourenço Amazonas.

O Capítulo III: “Análise de Dados e Resultados” é a etapa que será transformada as informações obtidas em interpretações e conclusões. Para isso, busca-se evidenciar a perspectiva do autor em biografia, análise da obra, o indianismo e o protagonismo feminino indígena. A partir disso, ficará evidente a recepção crítica da obra, postas na primeira e segunda interpretação da coleta e seleção. Isso demonstrará o estudo teórico sustentável e plausível, apresentado pelas reflexões e o resgate a valorização desse livro.

Portanto, este trabalho busca evidenciar o descaso perante a Literatura produzida no Norte do país, que apesar do empoeiramento histórico-geográfico ainda sofre com o pré-conceito embutido na sociedade. Visibilizar o romance representa uma forma de torná-lo visível aos olhos acadêmicos/científicos que está mais próximo da conscientização da memória do Amazonas do século XIX. A narrativa pioneira é um símbolo de identidade nacional e amazônica, retratada em memória, reconhecimento e história.

## CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 O contexto histórico e literário do Amazonas no século XIX

O Amazonas no século XIX (1801-1900) <sup>1</sup>foi um período marcado por transformações e mudanças, desencadeado por sua consolidação a província, o auge da economia da borracha que atraiu imigrantes na promoção do desenvolvimento urbano e comercial. Em vista disso, a produção histórica e literária da região enriqueceu a construção da identidade do Amazonas, por perspectiva historiográfica e ficcional.

No campo histórico, a criação do Estado do Amazonas ocorreu na consolidação a categoria de província antes chamada de “Comarca do Alto Amazonas”. A desmembração fora feita, e o sonho de autonomia realizou-se “D. Pedro II, referendado pelo ministro do império, Visconde de Monte Alegre, pela lei 592, de 5 de setembro de 1850, satisfaz a maior aspiração da comarca” (Reis, 2020, p. 242). O nome realça a homenagem ao rio homônimo, nome dado por Francisco Orellana em 1541 em sua expedição europeia. O presidente desta nova unidade administrativa, escolhido para o nomeado cargo, João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, no qual honrou contribuindo para as necessidades vitais da região, organizando-a, “desenvolvera uma atividade apreciabilíssima, mostrando-se à altura do cargo. Os seus sucessores, nem todos souberam continuar a obra que iniciara” (Reis, 2020, p. 253).

Em contraponto, o ensaio *A Expressão Amazonense* de Souza (2003), salienta uma lacuna real de abandono ao pensamento crítico voltado ao Amazonas, pois, o processo político e cultural encarece da ausência investigativa científica que “está assolada pelo recenseamento ou pelo beletismo. A história do Amazonas é a mais oficial, a mais deformada, encravada na mais retrógrada e superficial tradição oficializante da historiografia brasileira” (p.19). Bem como, escrever um pensamento no qual há distorções, preconceitos e contradições, revelam uma realidade cega pela tradição formal, quesito este que transborda o processo histórico do Amazonas, em que é cercado pelo poder. Este, representado no *O conflito de 300 anos* onde o sistema de ameaça pela presença considerada “civilizada”, é esclarecida por:

Nós, os brasileiros, queremos esquecer, cobrir a incômoda situação com os velhos argumentos de um processo que sustentou os pioneiros do século XIX e hoje sofre severos reveses na opinião dos conservacionistas e ecologistas. Estamos persistindo no mesmo caminho cego da depredação. Vendados pela ideologia do progresso, ninguém toma em consideração esses filhos incômodos de uma humanidade primitiva que impedem o caminho da sociedade até o lucro” (Souza, 2003, p.32)

---

<sup>1</sup> Informação retirada do livro *História do Amazonas* de Reis (2020).

O poder da persuasão que ronda o discurso, caminha em um pensamento ideal para o avanço econômico. Visando o lucro que o Amazonas produzia fundado nas transformações e extração do látex, matéria-prima da borracha. A manufatura do ciclo da borracha é o *boom* econômico que gera crescimento na economia do país, com o objetivo no mercado internacional. Esse período marcado por exploração, comercialização e produção de borracha extraída da seringueira, Márcio Souza em *A História da Amazônia* discorre que:

O ciclo da borracha foi um dos mais efêmeros ciclos econômicos do Brasil. Da humilde origem em 1870, o extrativismo da borracha ocupou, em 1910, um quarto das exportações brasileiras. Foi um crescimento notável por ocorrer concomitante da cultura do café, base da economia do país” (2019, p.171).

O Império do Brasil apenas via a Amazônia como um espaço geopolítico, tendo sua ascensão e queda por demonstrar fragilidade de exportação na América Latina, perdendo para concorrência asiática. A produção da borracha natural precisava atender as demandas, porém, “a região não contava com uma mão de obra barata: era preciso trazer do Nordeste e de outras terras, financiar a imigração e estabelecer e treinar os trabalhadores” (Souza, 2019, p. 172). A imigração atraiu milhares de pessoas, em busca do trabalho nos seringais, com destaque aos nordestinos que fugiam da seca para sobreviver. Ao adentrar a realidade árdua, os trabalhadores estavam sujeitos aos patrões, as dívidas de ferramentas, moradia, roupas e viagens. A exploração de trabalho é análoga à escravidão, o artigo 149 do Código Penal prevê como crime à liberdade e dignidade (Decreto- Lei nº 2.848 de 7 de dezembro de 1940) colocada em vigor até os dias atuais, porém a submissão e as condições desumanas não estavam compatíveis com o século XIX. Em síntese, a desigualdade era evidente nesse contexto:

O sertanejo emigrante realiza, ali, uma anomalia sobre a qual nunca é demasiado insistir: é o homem que trabalha para escravizar-se [...] desde o primeiro golpe da machadinha, constringe-se para num círculo vicioso inatural: o debater-se exaustivo para saldar uma dívida que se avoluma, ameaçadoramente, acompanhando-lhe os esforços e as fadigas para saldá-la” (Cunha, 1990, p.26).

Ao lado de tanta desumanização pelo capital, a riqueza gerada pela exploração da borracha possibilitou grandes desenvolvimentos modernos, propiciando o crescimento econômico. Em Manaus, a arquitetura demonstrou-se com as obras do Teatro Amazonas (1898) e em Belém o Teatro da Paz (1878), através do desenvolvimento e modernização urbana, com a chegada da energia elétrica, bondes, serviços de água e estradas de ferro (Souza, 2003, p. 240). Com isso, a região atraiu comerciantes, investidores e trabalhadores, integrado ao mercado internacional impulsionado pela Revolução Industrial. Essa exploração também contribuiu para o desmatamento e conflitos com populações indígenas, cujos territórios foram

invadidos. A prosperidade e o declínio do ciclo da borracha marcaram profundamente a história, a sociedade e o território amazonense.

Já no campo literário, o Amazonas dispõe de obras fundamentais que subtece ao acesso sociocultural da região e aspectos identitários, fomentada pela crítica decolonial representativa aos povos indígenas amazônicos. Desse modo, pautar a literatura do Amazonas para além da marginalidade é descontextualizar uma realidade imposta pelo cânone literário, que se prende no eurocentrismo brasileiro durante sua formação pelo inventário. Nessa construção, o olhar mitológico reflete o Amazonas sobre uma perspectiva não-descoberta, mas sim uma utopia distorcida do Novo Mundo, inventada da “construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelos relatos dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes” (Gondim, 2007, p.13). Apesar desses desafios encontrados na imaginação da prosa de ficção, sobretudo no século XIX, atenta-se para a desconfiança do valor regional diferente da tradição oficial brasileira que a seleciona por discursos favoráveis ao escolhido como “certo e errado” ao leitor.

A seleção de temáticas produzidas no solo amazonense, é marcada pela natureza, os indígenas, cultura regional, e as questões sociais, porém, “não basta que os temas sejam amazônicos para obra pertencer à literatura amazônica” (Telles, Graça, 2020, p. 15). São considerados autores desse núcleo: amazonenses ou imigrantes que desenvolveram temas alusivos à realidade e as histórias regionais. Entre esses escritores, destacam-se os autores como, por exemplo Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha (1769) e Henrique João Wilkens (1785), Torquato Tapajós (1853-1897), Paulinho de Brito (1858-1919), Lourenço da Silva Araújo Amazonas (1803-1864), Francisco Gomes de Amorim (1827-1891), entre outros.<sup>2</sup>

As principais características da literatura do Amazonas, concentra-se, em sua maioria, nos preceitos do Romantismo, que valoriza a emoção, subjetividade e a natureza. O regionalismo, também é retratado, nos costumes, paisagens, e personagens típicos do heroísmo, bem como centrado no indianismo. Os desafios relevantes por transmitir a literatura, se dá pelo isolamento, sendo a distância como principal dificuldade na comunicação em divulgar essas obras; a falta de incentivo que a região encarecia de instituições e investimento; e por fim, os padrões estéticos eram divergentes as normas da literatura europeia, difusa ao esperado pelo cânone rigoroso.

## 1.2 O indianismo brasileiro e obras esquecidas pelo cânone literário

---

<sup>2</sup> Para consulta dos autores, verifica-se em *Estudos de Literatura do Amazonas* de Telles; Graça (2021) e *A expressão Amazonense- do colonialismo ao neocolonialismo* de Souza (2003).

Na literatura brasileira, o Romantismo surge no século XIX pela chegada da Família Real Portuguesa (1808) e o marco em 1815 pelo desenvolvimento de colônia para reinado, no qual favoreceu a Independência do Brasil proclamada em 1822 (Candido, 2002). Esses acontecimentos históricos, impulsionaram o nacionalismo e a busca da identidade brasileira. Nesse viés, para valorizar as origens desconectadas aos moldes europeus, escolheu-se o indígena como símbolo nacional, a fim de exaltá-lo por herói original. O Indianismo brasileiro explora esse ideal, corresponde então a primeira geração romântica (1836-1852) idealizada no indígena como centro de brasilidade, sendo oposto a figuração do africano, que serviu de álibi estratégico para justificar a escolha:

A mestiçagem com o negro, mais presente e abundante nas regiões povoadas, era considerada humilhante em virtude da escravidão. O indianismo proporcionou deste modo um antepassado mítico, que lisonjeava por causa das virtudes convencionais que lhe eram arbitrariamente atribuídas, inclusive pela assimilação ao cavaleiro medieval, tão em voga na literatura romântica” (Candido, 2002, p.89).

A personalidade figurada deveria pertencer propriamente ao conceito de unidade autêntica da nobreza do ser, particular à terra e a natureza. Por isso, seria o encaixe perfeito para a produção no indianismo, em definir o específico local por características tais como: ufanismo, sentimentalismo e religiosidade, exaltação da natureza e folclore, influências medievais, entre outros. Além disso, os principais autores e obras conhecidas são denominados por: Gonçalves de Magalhães obras *A Confederação de Tamoios* (1857) e *Os Indígenas do Brasil perante a História* (1860); Gonçalves Dias em *I-Juca- Pirama* (1851), *Os Timbiras* (1857), *Canção do Tamoio*; e José de Alencar com suas obras *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874).<sup>3</sup>

Cabe ainda enfatizar que, a literatura brasileira não se limita apenas a esses literatas na escrita indianista, mas sim, por outros que estão esquecidos pelo cânone literário brasileiro. Para tanto, as obras marginalizadas não são canonizadas pois não se inserem no padrão definido para uma valorização maior como autoridade reconhecida. O cânone está associado à escolha de livros nas instituições de ensino, o crítico literário Bloom (2010) em suas palavras discute que a “questão do Cânone continua sendo: Que tentará ler o indivíduo que ainda deseja ler, tão tarde na história? [...] Quem lê tem de escolher, pois não há, literalmente, tempo suficiente para ler tudo [...]” (p. 23). A seleção ao texto lido interfere no tempo e em seu valor estético,

---

<sup>3</sup> Esse material aborda obras e autores da literatura brasileira, retirado de *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos* de Candido (2000).

propiciando o abandono. Por isso, o cânone é formado por textos que resistem o tempo e não incluem obras da literatura regional e produções marginalizadas pelo esquecimento.

No contexto amazônico, apesar da existência de obras que representam o protagonismo da região, ainda é evidente o descaso que favorece para a supressão do conhecimento sobre essa literatura, o que impacta na memória literária amazônica. Por demonstrar a realidade vivida, que enriquece a história e a literatura do Amazonas. A obra *Inferno Verde: cenas e cenários do Amazonas* de Rangel (1908), oferece onze contos ficcionais que exploram as condições dos cenários amazônicos, com ênfase na crítica de denúncia da exploração, no contexto do ciclo da borracha. O conto “Maibi” é ambientado nos seringais amazonenses, de modo alegórico, também representa a Amazônia através da personagem sacrificada pela ambição coletiva, o dinheiro. Pela condição trágica e cruel em que Maibi fora exposta e morta se dá por Sabino perder a moça para quitar seus saldos, e em desespero irracional, ela é encontrada por Zé Magro que observa assustado: “uma mulher, completamente despida, estava amarrada a certa seringueira [...] uma dúzia de tigelas. Devia o sangue da mulher enchê-las e por elas transbordar [...] nos recipientes o leite estava coalhado – um sernambi vermelho” (Rangel, 2012, p.05). A representação dessa cena, transborda entre o Amazonas e a mulher, figuras consideradas apenas por seu valor no mercado onde o capital é quem manda e tem poder.

A figura da mulher na localidade, refere-se a moeda de troca entre o seringueiro e o seringalista (patrão e empregado), e a ganância o corrompe a matar. A morte de Maibi está para além do cadáver, demonstra o crime brutal e sangrento, pois, “a sua vida a escoar-se nas tigelinhas do seringueiro, seria ainda bem menor que o do Amazonas, oferecendo-se em pasto de uma indústria que o esgota” (Rangel, 2012, p.05). Essa alusão, feita pelo homem contra a mata, reluz a falta de senso pelo meio em que se vive, onde a própria natureza clama por “socorro”, em miniatura para a parada na cobiça universal do látex de suas árvores.

Outra excelente obra considerada o primeiro documento literário do Amazonas, o poema heroico-épico *A Muhuraida* ou *o triunfo da fé* de Henrique João Wilkens, publicado em 1819, que narra em versos históricos e religiosos a origem do povo amazônico, a conquista e a presença portuguesa, o cristianismo e a fé cristã. O poema é composto por seis cantos, cada qual, inicia-se com argumento e um resumo da narração. O valor poético de *A Muhuraida*, é pelo poema genocídio e colonialista de aculturação da nação mura ao poder do cristianismo, logo, oferece também uma versão da violência e os conflitos ideológicos. Além de pautar, a empresa colonial filtrada poeticamente no discurso da conquista:

Entre os frondosos Ramos, que bordando  
As altas margens vão, de esmalte raro

Servindo estão mil Rios, tributando  
 Correntes argentinas, que no avar  
 Seio recolhe o Amazonas, quando  
 Descendo vem soberbo, sem reparo,  
 A terra, os arvoredos arrastando  
 Para no Mar os ir precipitando (Wilkens, 2017, p. 13).

Portanto, de caráter monetário recria uma grande metáfora da região amazônica, pela situação vigente na escravização por tributos da Colônia. Mescla-se entre o cristianismo e o mercantilismo, ideais afirmam o objetivo da catequese na expansão colonizadora “comércios florescer” (Canto III, VIII, p.29). Enfim, Wilkens (2017) reproduz um poema semipagã e heroico proposto pela conquista portuguesa em função de obter recursos das matérias-primas que a floresta oferecia. Para tanto, o soldado lusitano, inaugurou essa tradição literária de maneira sintomática que o autor “louvou a subjugação da nação Muhra pelas tropas portuguesas, criando uma poesia do genocídio [...] uma Amazônia particular e necessariamente vinculada aos apetites coloniais” (Souza, 2003, p.34). Além disso, o poeta salienta a memória viva dos indígenas mura que substituí as antigas analogias dos viajantes pioneiros, refazendo um novo olhar de resistência na promoção do compromisso de escrita pela “verdade histórica”, em que os indígenas foram vítimas das traições colonizadoras:

Já não lembra o agravo, a falsidade,  
 Que contra nós os Brancos maquinaram?  
 Os Autores não foram da crueldade?  
 Eles, que aos infelizes a ensinaram?  
 Debaixo de pretextos de Amizade,  
 Alguns matando, outros manietaram,  
 [...]  
 Grilhões, Ferros, Algemas, Gargalheira,  
 Açoites, Fomes, Desamparo, e Morte,  
 Da ingratidão foi sempre a derradeira  
 Retribuição, que teve a nossa sorte.  
 Desse Madeira e exploração primeira,  
 Impediu, por ventura, o Mura forte?  
 Suas Canoas vimos navegando,  
 Diz, fomos, por ventura, os maltratando? (Wilkens, 2017 p. 32).

Nesse aspecto, a “falsidade e crueldade” da colonização, é cantada no poema, alertando que os povos mura sofreram um golpe. Em relação a valorização ao protagonismo indígena datado pelo Romantismo, o poema épico cumpre as exigências de valorizar os episódios nacionais, resgatando a história de um povo. Mesmo com as difusas confusões no atraso de publicação para com o século XIX, a *Muhuraida* exclui-se depois de sua descoberta no manuscrito tardio, que se entrepõe na reconstrução da linguagem e da história amazonense, obtendo repercussão quanto ao valor literário.

Por tratar de catequização indígena e colonização na Amazônia, *Os selvagens* de Francisco Gomes de Amorim (1875), reflete o etnocídio e genocídio cometido aos povos mundurucus subjugados. A narrativa compõe 18 partes, na qual é considerada uma obra indianista, em forma de romance histórico. Ademais, os usos dos fatos históricos ilustrado no romance de Amorim, perpassa no movimento “Cabanagem ou Guerra dos Cabanos”, revolta popular que ocorreu na província do Grão-Pará (1835-1840)<sup>4</sup>, a causa fora a grave situação econômica e social da região. É evidente no trecho “Quando chegou a Bararoá a nova de que os cabanos tinham tomado Manáos, cabeça de comarca do Amazonas, houve um instante de pânico geral” (Amorim, 2004, p.212). Em relação a linguagem, o romance apresenta elementos do linguajar popular, considerados “erros gramaticais” propositais, a fim de ilustrar a riqueza da língua oral pelas expressões coloquiais que representam o caráter único do homem amazônico.

Ademais, essas e outras narrativas indianistas do século XIX, foram invisibilizadas à margem do cânone literário. Pelo simples fato de não pertencer a uma “lista de sobreviventes” (Bloom, 2010, p.44) formada na ideologia da política de silenciamento do imaginário, em apresentar os conceitos de nação. Dessa maneira, o período romântico institucionalizado, requer uma imagem de identidade originária que sistematize a Literatura em “uma biografia e, portanto, conceber a História” (Lugarinho, 2020, p.260). Nesse sentido, reconhecer as vozes literárias que se manifestam as margens, realinha e questiona a estrutura de poder definida pelo cânone, isto é, viabiliza a Amazônia como espaço crítico reconhecido.

### 1.3 Decolonialidade da literatura no Amazonas

Em resposta contra o silenciamento e marginalização causadas pela colonização, a literatura obteve uma postura que visa desconstruir tanto o pensamento como a prática dos efeitos da cultura ocidental através da decolonialidade. A princípio, os termos colonialismo e colonialidade estão intrínsecos pela definição, mas o primeiro refere-se ao período histórico e o segundo a uma estrutura de dominação/poder que permanece enraizada na sociedade. Segundo Mignolo (2003) entende como a:

colonialidade tão-somente o lado reverso e inevitável da “modernidade” — seu lado sombrio, como a parte da lua que não enxergamos quando a observamos da terra. A colonialidade traz para o primeiro plano a coexistência e interseção tanto dos colonialismos modernos quanto das modernidades coloniais (e, obviamente, a multiplicação das histórias locais que substituem a história mundial ou universal), na

<sup>4</sup> Consultado no site Brasil Escola: *Cabanagem*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/cabanagem.htm>. Acesso em: 10 maio 2025.

perspectiva dos povos e histórias locais que têm de confrontar o colonialismo moderno (p.47).

Para tanto, o pensamento moderno/colonial atrelado a perspectiva do conhecimento dominante ressalta problemáticas epistemológicas que reúnem um posicionamento crítico de resistência que redefine os desafios encontrados na atualidade. Somado a isso, a decolonialidade enfrenta diretamente a enunciação colonial, pois retrata a voz dos povos subalternos e oprimidos, definido “gnose liminar” que é configurada no campo do conhecimento/memória ocidental pelo discurso. Este termo revela o conhecimento “concebido das margens externas do sistema mundial colonial/moderno; gnosologia marginal” (Mignolo, 2003, p.33). Uma proposta que salienta a minoria historicamente afastada de sua visibilidade perante ao padrão social do poder.

Vale ressaltar, que o processo idealizado da América Latina estabelece uma visão de invenções históricas-literárias, cujos agentes são modeladores do conhecimento e da subjetividade. Portanto, descolonizar resulta em um ato de emancipação, ou seja, desmembrar a epistemologia ocidental por meio da teoria requer que o Ocidente possa “reagir desde dentro, improvisando teorias outras, críticas e contra-hegemônicas. Essa marginalidade teórica dialoga com as versões periféricas e subalternas produzidas fora do Norte” (Ballestrin, 2013, p. 109). Nessa perspectiva, é sabido que a literatura perpassa amplos pensamentos de épocas e contextos divergentes, que emergem a postura crítica/reflexiva do escritor decolonial, que apesar da estrutura epistêmica, revela também uma postura literária para além do pensamento moderno ocidental ou abissal (Santos; Meneses, 2009, p. 23).

Nessa linha de reflexão o campo literário amazonense aborda a decolonialidade por meio de denúncias da exploração colonial e opressão dos povos, que propõe uma perspectiva de crítica aos padrões impostos aos subalternos da época. Afinal de contas, através desses escritos indianistas que se pode ter alguma ideia da apropriação da história e cultura do Amazonas. Sabe-se que, a literatura brasileira é formada por lacunas, isto é, “os manuais dessa natureza transmitem uma falsa ideia de totalidade da literatura brasileira, quando deixam diversos autores e obras à margem e, [...] apresentam uma tentativa de complementar as lacunas existentes nos compêndios de história da nossa literatura” (Sales, Silva, 2017, p. 36).

Com essas proposições, a literatura no Amazonas apaga-se do resto do país, ficando à margem de outros textos literários, por fatores geográficos, sociais, políticos e econômicos. Mas, ainda assim, é possível fazer o resgate de tantas obras importantes, por retratar a realidade na ficção que dialoguem para a construção histórico-literária do Amazonas. Ademais, a produção feita por autores amazonenses ou imigrantes são uma forma de expressar a

diversidade cultural e documentar desafios e riquezas da região amazônica. Por exemplo, escritores do período colonial e períodos subsequentes, os clubistas da madrugada e da contemporaneidade, escrevem e reescrevem em “um espaço que se encontrava vazio na nossa literatura e marca o ponto de partida para futuros estudos” (Telles; Graça, 2021, p. 15).

A partir disso, entre tantos bons escritores, destaca-se três grandes escritores contemporâneos amazonenses - Márcio Souza (1946-2024), Milton Hatoum (1952) e Wilson Nogueira (1958) cujas obras se inserem na temática da decolonialidade da literatura no Amazonas. Suas produções a exemplo notório desse movimento são: *Galvez, Imperador do Acre* (1984), *Mad Maria* (1986), *Relato de um certo Oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000) e *O Andaluz* (2020). Essas e outras contribuições literárias, enfrentam diretamente o conhecimento que “demonstram o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado” (Quijano, 2005, p. 126). Portanto, a produção crítica e literária na região, em sua maioria, desconstrói narrativas hegemônicas e posicionam a Amazônia como símbolo de resistência, memória e alteridade.

## CAPÍTULO II: METODOLOGIA

Para esta pesquisa, adotou-se o método enfocando na marginalização da obra *Simá: Romance Histórico do Alto Amazonas*, publicada em 1857. A princípio, investigou-se, pela análise de abordagem histórico-literária, a invisibilidade da referida obra indianista no século XIX, no Amazonas. Também fora utilizada para a pesquisa, a estratégia qualitativa de caráter exploratório, feita com base no objeto de estudo, ou seja, a obra indianista. Logo, isso permitiu uma investigação dos elementos relevantes da narrativa que retratam aspectos importantes para o tema já colocados pelo objetivo geral: Analisar a invisibilidade da obra indianista *Simá*, explorando abordagens histórico-literárias no contexto do Amazonas no século XIX, busca viabilizar o impacto na identidade amazônica. A proposta salienta um diálogo com os objetivos específicos, como a recepção crítica do levantamento realizado, no intuito de obter resultados e reflexões sobre a falta de reconhecimento e visibilidade da época e nos dias atuais. Para tanto, a metodologia une a análise textual, contextualização histórico-literária e a discussão crítica que levaram ao esquecimento de *Simá* de Lourenço Amazonas.

### 2.1 Abordagem metodológica

A princípio, a escolha da abordagem implica na forma de se explorar detalhes de um fenômeno, que visa leitura, compreensão, interpretação e reflexão. Nesse caso, é usada a abordagem qualitativa que permite uma compreensão aprofundada dos contextos envolvidos, histórico, econômico, cultural, social e político. Em termos gerais, “ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes” (Godoy, 1995, p.21). O trabalho adota essa abordagem com base na análise teórico-bibliográfico, que parte da invisibilidade da obra indianista *Simá: Romance Histórico do Alto Amazonas* e percorre a marginalização de obras produzidas no século XIX, no contexto do Amazonas. A escolha da abordagem justifica-se pelo foco em fenômenos simbólicos, subjetivos e interpretativos, que são próprios para a análise textual e do estudo literário.

Em alcance dos objetivos propostos pela pesquisa, principalmente no quesito geral, foi adotada também o método indiciário que consiste na interpretação da realidade estudada, algumas vezes opaca, em busca de características menos vistosas, de indícios que permitam decifrá-la e compreendê-la, segundo propõe o historiador italiano Carlo Ginzburg (1989). Um método interpretativo centrado sobre resíduos, dados marginais e reveladores, que são “considerados sem importância, ou até triviais, ‘baixos’ que forneciam a chave para aceder a

produtos mais elevados do ser humano” (Ginzburg, 1989, p.149-150). O método então, possibilita interpretações de dados considerados pequenos ou irrelevantes, valorizando indícios negligenciados pela realidade da época e atualidade. Nesse caso, a leitura do livro *Simá* é marcada por indícios simbólicos e alegóricos que remetem à história do Amazonas e a construção da identidade regional e nacional do século XIX, encobertos pela invisibilidade da obra.

Do mesmo modo, visando o apagamento do livro, a pesquisa de caráter exploratório, ajudou também na busca em identificar e compreender as possíveis razões para a falta de reconhecimento e visibilidade de *Simá*. Assim, a pesquisa exploratória “busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto” (Severino, 2013, p.107). Por isso, a pesquisa possibilita a exploração do tema, com a finalidade de ganhar familiaridade com o objeto e a construção de hipóteses iniciais. Através da problematização e questões norteadoras sobre a invisibilidade notória, a pesquisa demanda um esforço de levantamento, contextualização e crítica de estudos acadêmicos. Uma busca por combate e conscientização da importância de *Simá* para a preservação do conhecimento e identidade cultural, revelado pela essência indianista ficcional e histórica escrita pelo autor Lourenço Amazonas.

Para o tipo de pesquisa, o estudo é conduzido por meio de um procedimento de pesquisa bibliográfica, totalmente teórica, que envolverá a coleta e análise de fontes primárias e secundárias, relevantes ao tema proposto. Conforme Severino (2013, p.106), a pesquisa bibliográfica “é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses”, isto é, partindo da natureza e tratamento do objeto será utilizado as categorias teóricas de autores que já registraram temas de estudos analíticos nos textos. Assim, fundamentado por teóricos e historiográficos previamente publicados em fontes que sustentam os argumentos e hipóteses interpretadas e apresentadas nesta monografia. Entende-se que “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, visto que propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (Marconi; Lakatos, 2017, p.216). Embora seja um trabalho individual, o diálogo com os teóricos favorece o embasamento da pesquisa, estabelecendo sustentação científica pela bibliografia.

Além disso, os instrumentos de análise da pesquisa utilizados são: leitura crítica e reflexiva do *corpus* literário e das fontes secundárias; recepção crítica das ideias presentes nos textos; análise contextual das obras esquecidas pelo cânone em relação ao cenário político, econômico, social e cultural do Amazonas oitocentista; e discussões críticas sustentadas por

referenciais teóricos da crítica literária e da historiografia. Nisso, busca-se compreender os meios e fatores que marginalizaram a obra indianista de Lourenço Amazonas, no qual efetuará na “aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas, a fim de efetuar a coleta dos dados previstos” (Marconi; Lakatos, 2017, p.197). Para a execução da pesquisa, os instrumentos citados são ferramentas para coletar e apresentar dados relevantes para a pesquisa, isto é, a obra *Simá* é uma fonte histórica de saberes que foram invisibilizados no século XIX, no contexto do Amazonas.

## 2.2 Fases da pesquisa

Entre os caminhos e desdobramentos da pesquisa, o pesquisador passa por fases na elaboração de seu trabalho, podendo ser fácil ou difícil. Por isso, o percurso acadêmico estrutura-se em diversas fases, intercaladas desde o pré-projeto até a finalização e apresentação da monografia. Nesse trajeto, cada etapa contribuiu significativamente para o amadurecimento do olhar do pesquisador, bem como para delimitação e escolha do tema de estudo. Por esse viés, do micro para o macro, o pré-projeto é uma estrutura padronizada que inicia a linha de pesquisa, que exigem estudos preliminares, anteprojeto e projeto definitivo.

O primeiro contato inicial com a obra indianista *Simá: Romance Histórico do Alto Amazonas* de Lourenço Amazonas, foi feito na disciplina obrigatória de Estudos Temáticos de Literatura Brasileira I, em 2022, no curso de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa. A leitura visual e textual do livro, considera esses dois aspectos em um processo dinâmico que o leitor obtém compreensão do texto. Em vista disso, a identificação da invisibilidade da obra se deu pela escassez de visibilidade literária, pelo fato do material disponível ser encontrado gratuito na íntegra, em primeira edição de 1857<sup>5</sup>. Esse fator, levou-se a justificar a necessidade em valorizar *Simá* dentro de uma abordagem histórico-literária, inspirada também no artigo de Batista (2018) *Apagamento Histórico-Literário de Simá*. O desconhecimento da obra, instigou o reconhecimento do meio inserido o ‘Amazonas’, ressignificando olhares dos primeiros estudos breve, como: indianismo, literatura regional e historiografia literária, contextualização histórica e o século XIX. Desse modo, a Amazônia é repleta de segredos dos quais representam um povo, isto é, há dúvidas a respeito do ser desta terra, são questionamentos existencialistas que permeiam o ser humano, em busca de conhecimentos passados para explicar seu lugar, algo

---

<sup>5</sup> O livro encontra-se preservado (1857) gratuitamente, em *site* da Biblioteca Digital Luso-Brasileira, disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/36774>.

que serviu de inspiração para escrever, pois “o interesse por um tema de pesquisa vem da vivência direta ou indireta de um fenômeno” (Dias; Silva, 2009, p.14).

Para o uso de instrumento da pesquisa, fora feito fichamentos e análise detalhada da obra como enredo, conflito, personagens principais, temática e o indianismo. Para um maior aprofundamento na abordagem histórico-literária, os elementos analisados foram diálogo dos personagens, fala do narrador onisciente, o contexto da época XVII e contexto de publicação século XIX. Ambos elementos, demonstram a invisibilidade da obra *Simá: Romance Histórico do Alto Amazonas* que emerge das margens seu valor literário, principalmente em discussões com obras de maior reconhecimento histórico e literário. Portanto, usar da análise textual, contextualização histórico-literária e a discussão crítica leva as questões de circulação de publicação Amazonas-Recife, público-alvo da época e atualidade e sua recepção crítica.

Os registros de criticidade de *Simá* não passam da região Amazônica, referentes a autores como: Telles; Graça (2021), Gondim (2007), Souza (2003; 2019) Krüger (2003; 2011), entre outros com acesso limitado ou pago. Os registros sobre a obra são escassos, há em sua maioria, publicações de artigos, teses e dissertações, uma manifestação dada em universidades. Enfim, o tempo não parou são três edições do livro: 1857; 2003 e 2011, os anos passam e *Simá* ainda é apagada aos poucos da história e literatura, tratada como regionalista. Em relação ao acesso a obra, utilizei na primeira leitura a primeira edição 1857. Já em análise de dados e resultados, utilizei a terceira edição de 2011, para desenvolver uma melhor familiaridade entre leitura-análise-reflexão-recepção através da linguagem atualizada. Em vista disso, a 1ª edição não colabora tanto para análise, devido a linguagem antiga e termos diferentes das normas ortográficas, tais como “Manaos, Muras, Bararoa, Quarry, rebelião, carapanã”<sup>6</sup>, preservadas segundo a época de publicação, bem como em notas bibliográficas referentes ao *Dicionário Topográfico, histórico, descritivo da Comarca do Alto Amazonas* de Lourenço Amazonas, 1984. A estrutura do romance histórico, mescla elementos narrativo, o indianismo e a forma da tragédia grega, o que reduz a leitura devido ao peso dos vinte e dois capítulos e um epílogo.

Dessa forma, buscar fontes confiáveis e informações que acrescente no tema apresentado ‘A invisibilidade da obra indianista *Simá- Romance Histórico do Alto Amazonas* de Lourenço Amazonas: abordagem histórico literária do Amazonas no século XIX’ e ajude a resolver a problemática em questão, pelo combate à marginalização e silenciamento do cânone literário da identidade amazônica. Portanto, torna-se vital reconhecer e preservar a memória amazônica, para que não seja tão esquecida e deixada a margem do empoeiramento histórico-

---

<sup>6</sup> Palavras retiradas da obra *Simá: Romance Histórico do Alto Amazonas* de Lourenço Amazonas, 1857.

literário. As fontes são dadas na coleta e mapeamento das publicações disponíveis, realizada através de pesquisas online (sites do google) como: Google Acadêmico, Google Books, periódicos, Abralic, Siello, Biblioteca Pública virtual, Wikipédia e livros disponíveis na biblioteca da Universidade (UEA-CESP).

Dos procedimentos metodológicos, foram necessários a utilização de métodos científicos para melhores resultados do levantamento bibliográfico. Com isso, a técnica indireta - a fonte primária, a obra *Simá-Romance Histórico do Alto Amazonas* de Lourenço Amazonas (a primeira edição, e terceira edição, 1857; 2011), e fontes secundárias, que incluem os trabalhos teóricos sobre a literatura indianista, o contexto histórico do Amazonas no século XIX, e a crítica literária relevante. Posto isso, fornecem informações sobre a recepção na fortuna crítica da época de sua publicação e anos subsequentes. Contamos com os seguintes estudiosos: *História da Amazônia*; e *A Expressão Amazonense- do colonialismo ao neocolonialismo* de Márcio Souza (2019; 2003); *Estudos de Literatura do Amazonas* de Tenório Telles e Antônio Graça (2021); *O Apagamento Histórico-Literário de Simá* de Maison Antônio dos Anjos Batista (2018); *Os [indígenas]<sup>7</sup> na História do Brasil no século XIX: da invisibilidade ao protagonismo* de Maria Regina de Almeida (2012); *História do Amazonas* de Artur César Reis (2020); *A invenção da Amazônia* de Neide Gondim (2007); *Amazônia: mito e literatura* de Marcos Frederico Kruger (2011) e dentre outros de igual relevância que contribuíram para com a concretização dessa pesquisa.

Nessa perspectiva, essa etapa também incluiu uma pesquisa biográfica voltada ao autor Lourenço Silva Araújo Amazonas, suas principais obras, temáticas, vida e atuação intelectual que ajudaram na configuração dessa narrativa sobre o Alto Amazonas, são evidências encontradas no acervo do *site* da Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC (2024) e no *Diccionario Bibliographico Brasileiro* (1893) de Augusto Blake. Embora também, identificamos seus comentários dentro da narrativa e seus personagens, como: narrador onisciente, personagens principais e secundários que abordam suas percepções sobre a colonização na Amazônia em um cenário do plano individual e histórico, que mistura a ficção e realidade. Nisso, os aspectos, sociais, cultural, político e épico da narrativa, configurem respostas que acrescentam na identidade não apenas do Amazonas, como também, do país.

Levantando esse viés, utilizamos também os procedimentos de análise comparativa com as outras obras de maior “prestígio” da época, como de José de Alencar (1829-1877), por exemplo a obra *O guarani*, publicada no mesmo ano de *Simá* (1857) e *Iracema* (1865). Isto,

---

<sup>7</sup> Alteração do termo pejorativo [índios], Projeto de Lei 5466/19 aprovado pela Câmara dos Deputados e Comissão de Constituição e Justiça (CCJ).

trataria de uma seleção daquilo que caberia como necessário para os parâmetros nacionais, e justo *Simá* não obedeceu ao padrão imposto pelo Romantismo Indianista brasileiro? As respostas se aplicam em uma história da minoria, os marginalizados. São negligenciados por pertencer em esquecimento, sendo vítima do epistemicídio:

O esquecimento dos condenados faz parte integrante da verdadeira doença do Ocidente uma doença comparável a um estado de amnésia que por sua vez leva ao homicídio, à destruição e à vontade epistémica de poder- mantendo sempre uma boa consciência. [...] Para tal, é necessária uma visão que combine espaço e tempo (Santos; Meneses, 2009, p.350).

A palavra refere-se a morte da construção do conhecimento, ou seja, que cria uma sobreposição e desqualificação ao conhecimento dos povos subjugados, os indígenas. Nesse pressuposto, a escolha final do título para tratar a invisibilidade de *Simá: Romance Histórico do Alto Amazonas* é definida a partir do termo amplo epistemicídio, delimitado pela invisibilidade, pois, “o título deve expressar, o maior fielmente possível, o conteúdo temático do trabalho” (Severino, 2013, p. 112). O pré-projeto ajudou em um novo olhar para o livro, suprimindo o macro para o micro, enxugando elementos para melhor finalização da pesquisa.

Após a elaboração e aprovação do pré-projeto, foi realizado o desenvolvimento da monografia, divididos respectivamente em: Capítulo I - Referencial Teórico, Capítulo II- Metodologia e Capítulo III- Análise de Dados e Resultados. Dessa forma, cada capítulo e tópicos representam uma fragmentação do todo, a invisibilização de *Simá* ao longo do tempo que percorre a Literatura e a História. Assim, o *corpus* da pesquisa permitiu uma construção embasada dos caminhos teóricos que o pesquisador se propõe a percorrer nas etapas científicas/acadêmicas. A relevância do tema para área é demonstrada nas fases da pesquisa, por encaminhar os objetivos para os resultados satisfatórios, que responde a problemática invisibilidade e resgata a memória, representação identitária e esquecimento através do objeto literário como fonte histórica.

### **2.3 Limitações da pesquisa**

Os limites da pesquisa é um fato que restringe o pesquisador de fazer aquilo de como gostaria, surgindo assim, entraves devidos os fatores de limitações como recursos disponíveis, tempo, escopo teórico ou metodológico. Ao reconhecer as limitações, o pesquisador reconhece os percalços na construção do *corpus* da pesquisa, evidenciado na honestidade intelectual em atentar-se para seus limites. Isso não mudará a credibilidade da pesquisa, pois, a ciência é um processo contínuo de descobertas do conhecimento, ou seja, mesmo com limitações a pesquisa

tem valor teórico-metodológico. Para tanto, propor analisar a invisibilidade de *Simá*, representa está apto a questionamentos e hipóteses lidas e relidas. A escolha do estudo de abordagem metodológica bibliográfica e qualitativa, restringe ao público acadêmico a monografia, pois o público geral, não reconhece *Simá* como literatura nacional, bem como seus trabalhos são valorizados apenas em universidades.

Além disso, o método indiciário implica em possibilidades de interpretação e subjetividade, algo que o pesquisador analisa com cuidado para não resultar em conclusões precipitadas e generalizações excessivas, fora de contexto. Assim, resgatar e selecionar a fortuna crítica de estudiosos, teóricos e historiadores, reconfiguram os indícios como ponte entre Literatura e História. Para tanto, a análise e coleta dos indícios na narrativa, servem para ser:

usado para elaborar formas de controle social sempre mais sutis e minuciosas pode se converter num instrumento para dissolver as névoas da ideologia que, cada vez mais, obscurecem uma estrutura social como a do capitalismo maduro. [...] Pelo contrário: a existência de uma profunda conexão que explica os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento em que se afirma [...] não é possível. Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas — sinais, indícios — que permitem decifrá-la. (Ginzburgo, 1989, p 177).

Dessa forma, o romance histórico tem elementos implícitos e explícitos, indícios na narrativa que se relacionam com o contexto histórico-social de produção e como também às teorias literárias e críticas relevantes. O paradigma indiciário permite um aprofundamento nas ciências humanas, em que *Simá: Romance Histórico do Alto Amazonas* oferece como pistas que reconstruam trocas e transformações culturais, tais como o meio inserido, eventos históricos e sociais, e uma nova possibilidade semiótica do leitor nas descrições de personagens. A representação literária não se limita apenas pela “visão de mundo de uma classe social de um escritor ou de toda uma sociedade” (Ginzburgo, 1989, p. 178), mas também recorre às profundezas de pormenores negligenciados. Nesse quesito, a temática de inserida no processo de construção da identidade regional amazônica permite associar elementos fictícios aos discursos hegemônicos do século XIX, percebido assim, na linguagem do código indianista.

Outrossim, acontece na escassez de material crítico sobre o autor Lourenço Amazonas, representando uma limitação significativa, no qual reforça a importância do caráter exploratório da investigação. Especialmente quando o assunto é pouco conhecido, o autor não possui fotos, e em sua maioria, os fragmentos de resumo biográfico é repetitivo. A dificuldade de acesso a determinados documentos históricos do século XIX e a ausência de reedições de obras, restringem o aprofundamento das questões problemas e hipóteses sobre a invisibilidade de

*Simá-Romance Histórico do Alto Amazonas*. Por isso, fazer o recorte de resquícios e indícios do livro e época organiza as ideias e argumentos centrais, que são evidenciados na análise de dados e resultados. Esse recorte familiariza o leitor com o tema, reiterando perspectivas aprofundadas sobre o assunto pouco explorado.

Por fim, os instrumentos de análise atingiram novos significados, reformulando percurso alternativo na pesquisa, que foram necessários. A escrita dos capítulos envolveu descobertas que exigiam ajustes que não caberiam do pré-projeto para a monografia. Assim, a reorganização em formato de estrutura mais plausível, destacou a decolonialidade na literatura no Amazonas, fato este, quase isolado, porém, resgatado para melhor diálogo entre a abordagem histórico-literária, o século XIX e a atualidade. A partir disso, a pesquisa obteve um amadurecimento não apenas teórico, mas também metodológico. A construção da reflexão na posição de investigador, permite ao acadêmico um crescimento aperfeiçoado perante ao objeto de estudo.

Portanto, é notório perceber que os anseios que assombram a pesquisa são tantos, não somente teóricos-metodológicos, como também aspectos psicológicos que atrapalham o desenvolvimento do pesquisador. As dificuldades embora sejam explícitas devido ao tema audacioso e escasso, ainda haveria a esperança em não tornar *Simá* tão invisível quanto já estava, na época de publicação e no público da atualidade. Viabilizar a história e literatura em meios aos percalços, sustenta a valorização da memória cultural amazônica, principalmente em análises, reflexões, discussões críticas e contextualização. Uma das formas de demonstrar essa percepção é pesquisar e dar o *feedback* pelos caminhos que o trabalho percorreu, apresentação de pré-projeto, comunicação oral, escuta de palestra, etc. Ambos os meios, de forma indireta ou não, qualificam a pesquisa por acrescentar na divulgação acadêmica, apontando a omissão de vozes marginalizadas pelo cânone literário nacional.

## CAPÍTULO III: ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS

Nessa etapa final, está reunido o coração da pesquisa bibliográfica em que consiste na análise de dados coletados e na interpretação de resultados. Assim, é fundamental que haja compreensão do texto lido (o livro), o autor, características literárias sua representatividade e discurso. São elementos bases que resultam na constatação da invisibilidade da obra indianista *Simá - Romance Histórico do Alto Amazonas* de Lourenço Amazonas, 3ª edição 2011. Em meio aos resultados obtidos através do diálogo com teóricos, que já escreveram e reescrevem seus pressupostos a respeito da obra, foram essenciais para chegar a entender o significado e as implicações dessas informações para extrair *insights* para a pesquisa.

### 3.1 Lourenço Amazonas: o lugar da fala do autor de Simá

Lourenço da Silva Araújo Amazonas (Bahia, 09 de agosto de 1803-1864) foi “capitão de mar e guerra da armada imperial, sócio do Instituto histórico e geográfico brasileiro, cavalheiro da ordem da Rosa e de S. Bento de Aviz e comendador da Ordem de Cristo, de Portugal” (Blake, 1848, p. 325). Em sua vida e trajetória profissional no Amazonas, segundo (Reis, 2020, p.230), Lourenço desempenhou o cargo de primeiro-tenente da Comarca do Amazonas no século XIX. Estudioso, realizou, como etnógrafo e pesquisador, a escrita e publicação de obras, tais como: Dicionário topográfico, histórico e descritivo da Comarca do Alto Amazonas (1852); Memória sobre uma marinhagem de guerra para guarnição da armada imperial (1854); *Simá: Romance Histórico do Alto Amazonas* (1857); e outras obras conservadas inéditas: Dicionário tupico- português e português-tupico; Navegação do Amazonas (1848).<sup>8</sup>

O escritor morreu aos 61 anos, e não se sabe o motivo do falecimento, não há fotos registradas, e sim, apenas fragmentos de sua história nos acervos da biblioteca nacional, domínio público, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Ainda assim, é importante ressaltar o trabalho deste autor que em meio a sua época trouxe um novo olhar dentre o pensamento colonialista e colonizado. É uma perspectiva que revela o entre-lugar do discurso literário latino-americano, escrever pelo código, ou seja, pela estrutura de poder em uma posição ambígua e contraditória, expressa a criação de algo novo. O conceito de “entre-lugar” é desenvolvido por Silviano Santiago em ensaios de *Uma Literatura nos Trópicos* (2000), que abre discussões acerca do lugar dominante e da margem, ambos de forma intermediária da

---

<sup>8</sup> Essa informação biográfica sobre Lourenço Amazonas é constata na obra Dicionário Bibliográfico Brasileiro de Blake (1893).

tensão entre “sacrifício e jogo, entre a prisão e transgressão, entre submissão ao código e a agressão, entre obediência e a rebelião, entre assimilação e a expressão” (Santiago, 2000, p. 26).

Nesse lugar clandestino que Lourenço Araújo escreve, está posicionado em ambas categorias em que não é puramente original ou perfeitamente eurocêntrico, pois ambos recebem um discurso múltiplo, com vozes e perspectivas da escrita literária proposta. Embora o autor se posicione em seus estudos voltados ao Amazonas, sua profissão de etnógrafo revela uma prática da pesquisa em campo, que envolve uma visão detalhada e descritiva de diversas etnias e suas características. A posição de não-indígena de Lourenço desperta um lugar ambíguo, sendo participativo do lado Império colonial e crítico literário. Essa é uma polêmica hipótese que fora discutida no IHGB, onde outros membros discutiam o poema *A confederação dos Tamoios* de Magalhães, e o surgimento do indígena como figura central, recorrido pela “relação estrutural de subordinação entre os campos de produção erudita e o campo do poder” (Belieiro, 2019, p.134). Isso propicia a influência do poder político sobre as questões culturais, dependendo do lugar ocupado, acerca do projeto de invenção histórica do indianismo literário.

Apesar da responsabilidade em registrar o obrigatório, os estudos de Lourenço permitiram uma aproximação de sua vivência e escrita, no qual resultará nas suas posições históricas e literárias. O *Dicionário* da Comarca do Alto Amazonas (1984) é um exemplo da relevância de Lourenço como um dos primeiros estudiosos a documentar sistematicamente os povos indígenas e a geografia da região amazônica durante o século XIX. Além de fazer a catalogação e etnográficas pelo estudo do IHGB, o documento se espelha no pensamento antilusitano, preocupado em discernir o brasileiro do português, portanto, “ao descrever eventos fundadores da região amazônica, Lourenço Amazonas se detém na Revolta de Lamalonga (1757) que serve de inspiração para seu romance Simá” (Munaro, 2020, p. 09). Por meio de sua trajetória na Amazônia, o autor consegue contribuir em uma reparação histórica, que visa corrigir pelas denúncias e escritos, os danos causados pela colonização e políticas indigenistas passadas.

O romance apresenta um discurso crítico e inovador inserido no indianismo brasileiro, que ao mesmo tempo, está em oposição ao ideal em que dominava a representação dos povos indígenas na tradição romântica. A figura estereotipada do herói nacional brasileiro, representava a identidade característica do período literário, mas o Amazonas estaria a par dessa definição, por ser um produto fragmentado e ambíguo da problemática do genocídio, físico e simbólico causado pela trágica definição de identidade amazônica (Martins; Ferreira, 2024, p. 74). Em resultado desse posicionamento, o escritor destaca episódios pouco valorizados pela

historiografia oficial, e reconfigura novos meios da função da Amazônia atrelado a crítica e reflexão colonial.

### 3.2 O entrelaçamento entre história e literatura em Simá

A obra indianista *Simá: Romance Histórico do Alto Amazonas* de Lourenço Amazonas, foi publicada em 1857, em Recife. Considerado o primeiro romance amazônico contemporâneo do ciclo de narrativas indianistas do Romantismo Brasileiro. Cabe ainda enfatizar, as omissões lançadas para a literatura do norte, pois, “a história da literatura brasileira não registra obras importantes do extremo norte do país, lançadas no século XIX. Essa omissão inicia-se em Simá” (Gondim apud Amazonas, 2011, p. 07). Além disso, outro fator relevante é que a trajetória do autor/baiano corresponde a um olhar para além do colonizador, pois exerceu um papel fundamental em catalogar e denunciar a realidade do Amazonas, onde vivenciou seus escritos, não idealizando os povos autóctones. Em análise ao romance histórico *Simá*, Souza (2003) salienta que:

o primeiro romance amazônico [...] era francamente indianista, mas singularizava o seu drama no destino da colonização portuguesa. O autor, seguro na liberdade que a ficção oferece, pôde conduzir o leitor para uma atmosfera peculiar [...] criou a atmosfera da região ainda em confronto aberto com a civilização ocidental [...] uma estrutura interessante, a linguagem revolve na superfície, desejos, paixões e atitudes proibidas como incesto e as relações sexuais interétnicas [...] propõe uma visão otimista do encontro de civilizações, mas permite entrever os pesadelos internos (p.222- 223).

Dessa maneira, *Simá-Romance Histórico do Alto Amazonas* propõe ao leitor mais do que a idealização, é uma problemática da fusão entre a parte romântica e a parte histórica, do que se pretende reconhecer a heroína símbolo identitário, “Simá, a Helena do Rio Negro na Amante de Domingos de Dari [...] mulher, de que se fez pretexto para incêndio das povoações” (Amazonas, 2011, p. 15). No discurso conciliado a tragédia, principalmente na recriação de episódios de revolta de Lamalonga (1757), são comparados a *Ilíada* de Homero e a *Eneida* de Virgílio, “por causa de uma bela se queimara uma cidade, houve um Menelau, genuinamente Manaus, que, [...] devastou, e incendiou nada menos de três povoações” (p.14). Basicamente, percebe-se a fusão entre o holocausto do Rio Negro e o assédio a Tróia, reconhecendo Simá em Helena e Dari em Menelau.

Além disso, o literata propõe algo além da típica nacionalidade do romantismo brasileiro, toca na ferida sobre a presença europeia na Amazônia “o romance de Lourenço Amazonas é mais que uma denúncia, é uma metáfora da tragédia vivida pelos povos nativos da

Amazônia” (Telles, Graça, 2011, p. 95). O fim trágico, é devido a estrutura do romance apresentar traços da tragédia grega: peripécias, reconhecimento e catástrofe, bem visto na composição dos vinte e dois capítulos e um epílogo, todos intitulados pelo autor. O romance histórico é um gênero literário que narra a ficção e a história, ambas entrelaçadas pelo objetivo central de crítica social a determinado período histórico. Infelizmente, no período histórico da narrativa século XVII, os indígenas estavam sujeitos a ser representantes de uma humanidade degradada, descritos com base nos conceitos:

de civilização e barbárie foram herdados da autocracia escravista romana. Conceitos elaborados pelos gregos e aperfeiçoados pelos romanos [...] Não se pode dizer que a Idade Média tenha sido menos monstruosa que os séculos romanos, mas representou um passo significativo na história. Uma mudança perpetrada pela presença de povos considerados primitivos e até vilipendiados (Souza, 2003, p.40-41).

Recorrer a conceitos de procedência histórica sustenta a ignorância de velhos termos hostilizados, revelado pelo preconceito de classes e interesses. Essa colocação classifica os povos e Amazônia como ultrapassada, e vista apenas como exótica para desfrute e exploração. O olhar para além do estereótipo, nos estudos culturais, releva narrativas parte da totalidade, ressignificando o conformismo de uma verdade regional (Souza, 2003, p. 43). Nessa perspectiva, a análise da obra indianista *Simá- Romance Histórico do Alto Amazonas* de Lourenço Amazonas, salienta a História e a Literatura do Amazonas, nomeados na realidade de povos amazônicos destribalizados e postos a serviço da empresa colonial. Na cena 1 da narrativa, o personagem Severo e Régis fixam nessa ideologia de indígena e colonizador, para entendimento geral, reforço desde o início a história.

A intitulação do livro é sugestiva para o protagonismo feminino da personagem Simá, mas em primeira parte está centrado no Sítio do Remanso (Coari), nos personagens Marcos e sua filha Delfina, indígenas Manau destribalizados de suas raízes, devido o contato ao mundo europeu. O português Régis, é acolhido na casa de Marcos, e, utilizando-se do artifício da bebida alcoólica (opiado, vinho) para roubar e violentar a filha do indígena (Amazonas, 2011, p.42). Após o fato, Marcos deixa a região e volta para o Povoado de Santa Isabel, o que representa a tentativa de reconciliação do nativo com as suas origens, o que reafirma a ligação com a “estética romântico-indianista, esse romance explicita a perda do caráter tribal por meio da descaracterização e perda de identidade de personagens da Nação Manau no contato com o homem branco” (Gondim apud Lourenço, 2011, p. 08). Do ponto de vista tradicional, o estupro simboliza a miscigenação, uma herança colonial do qual o povo brasileiro é originário. Em

ressalva, Darcy Ribeiro em *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995), salienta que:

Nós, brasileiros, nesse quadro, somos um povo em ser impedido de sê-lo. Um povo mestiço na carne e no espírito, já que aqui a mestiçagem jamais foi crime ou pecado. Nela fomos feitos e ainda continuamos nos fazendo. Essa massa de nativos oriundos da mestiçagem viveu por séculos sem consciência de si, afundada na rünguendade. Assim foi até se definir como uma nova identidade étnico-nacional, a de brasileiros. Um povo, até hoje, em ser, na dura busca de seu destino (p.492).

Bem como defendido pelo antropólogo, a realidade original do Brasil é fruto da mestiçagem, considerada “normal” como fator relativo da diversidade do país, isto é, identifica uma cultura nacional do povo brasileiro que não anulasse outros presentes no território. Nessa perspectiva, fica claro o pensamento de Loureço Amazonas (2011) quando no capítulo XV-O missionário, frei Santo Eliseu sobre os brasileiros “e o que importa aos brasileiros justamente um conceito: nisso que sentem conforme a natureza. Esta dita a todos os corações bem formados a compaixão pelo fraco e oprimido e a aversão ao forte, opressor” (p.193). Na situação entre portugueses e indígenas, o missionário vê o brasileiro como marginalizado, onde por um lado é escravizado e o outro menoscabo.

O poder de fala e posição dos indígenas é narrado no discurso romanesco europeu, figurado pelo século XIX, que representa o povo originário como herói nacional pelo Romantismo Brasileiro. Demonstrando também a divergência do proposto e descrito em *A Carta de Pero Vaz de Caminha* (1500) o primeiro documento escrito da história do Brasil, que o autor registra suas impressões sobre a terra/Novo Mundo a ser descoberto e colonizado. Em palavras da carta direcionada ao rei, a descrição é detalhada:

Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse as suas vergonhas. Traziam nas mãos arcos e setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles assim fizeram. [...] A afeição deles é parda, algo avermelhado, de bons rostos e bons narizes. Em geral são bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma (Castro, 2003, p. 91).

Uma descrição oposta ao livro de Lourenço, que traz consigo a beleza indígena e exaltação da natureza, cultura ou destribalização. Os detalhes na descrição dos personagens, para Régis “um rapagão branco, de trinta anos de idade, natural de Portugal, de estatura regular [...] facetas rosadas”, o personagem Marcos/Severo: “homem de cerca de quarenta anos, indígena genuíno, de aspecto nobre, franco e sereno”, Delfina descrita por uma “indígena, de 18 anos, na qual se apercebia a par do seio, polidez e amanho, que lhe proporcionava uma educação excepcional aos de sua raça”, já a filha Simá (1748) “uma bela menina mameluca, de

idade de nove anos, vestida de ponto em branco<sup>9</sup>”. Entre esses personagens os indícios de preconceito também estão percebidos, como também colocam em palco uma nova percepção do herói nacional.

Nessa perspectiva, tripla de colonização, natureza e indígena, os princípios estruturais do ideal se opõem na violação de Régis perante Delfina é exibida de forma implícita como o fruto da traumática cena de estupro, este que causa vergonha e desonra ao pai. O roubo que o regatão Régis fez ao negociante deixou-o reflexivo e horrorizado em que a desgraça situação é uma injustiça “Fomos simultaneamente roubados e desonrados... Oh que homem mau! Por que tendo-me a sua discricção, me não assassinou? Quanto me não teria poupado!” (Amazonas, 2011, p.41-42). Na tentativa de se livrar do passado, Marcos toma a providência de deixar o lar e incendiar o Sitio Novo Remanso, afim de que os vizinhos “sem ter podido saber as ocorrências da noite antecedente, ninguém havia, que pudesse noticiá-la” (Amazonas, 2011, p. 43). A manifestação do tema sobre a “literatura dos grupos iletrados, primitivos”, segundo Candido (2006) em *Literatura e Sociedade* propõe:

já traz o perigo de pressupor que as formas *inferiores* de arte e literatura explicam necessariamente as *superiores*, - o que não é apenas relativo, mas, quando ocorre, não constitui o aspecto verdadeiramente importante e que pode ser estudado com maior proveito (p. 57).

O romance a margem, tem pouca validade comparado a romances clássicos conhecidos, e embora tenha uma temática importante, sua construção não terá tanta significância para o rosto social que lê. O resgate do subalterno implica em representar as camadas “mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de [...] estrato social dominante” (Spivak, 2010, p.12). Assim, o discurso crítico entre a história e literatura influencia e altera a forma como lemos ou aprendemos sobre o mundo. O personagem paterno simbólico Marcos/Severo está em posição alternativa entre indígena e povo destribalizado em contato com o mundo europeu, para sair dessa posição e vergonha pelo ocorrido com sua filha Delfina, resolve fugir.

O incêndio proposital, ateadado por Marcos/Severo, a viagem de partida acontece, sua filha Delfina e a fãmula Xomana, embarcam na igarité (canoa) para a Povoação ou Missão de Santa Isabel, “ali foi que nasceu a menina, que apresentara em Santa Isabel- Simá- cujo nome lhe foi imposto por uma aia de sua mãe, da nação cujo nome por alarde conservava” (Amazonas, 2011,

---

<sup>9</sup> Toda essa informação está na obra *Simá: Romance Histórico do Alto Amazonas* (1857), respectivamente nas páginas 18, 24 e 47.

p.98). Contudo, o entendimento do significado do nome prevê dois pontos: 1) a ideia de fogo a partir de seu nascimento pelo incêndio e 2) a ideia de sol: luz e de calor, em vista da inocente menina formosa. Ambas as percepções são colocadas pelo autor para ora aliviar ora enunciar a tragédia final, que embora seja logo pretendida por Xomana (a feiticeira) não fugia do destino “o fogo”.

Já a personagem Delfina, morre de melancolia na narrativa, mas cumpre sua missão na amamentação da filha. Desse modo, Simá é criada pelo avô e a aia nos costumes do povo Manau (conhecido atualmente por Manaus), e torna-se uma linda moça, que depois, passa a ser pretendida a Domingos de Dari um principal da Missão de Lamalonga (XIV- A apresentação, p.159). Ao longo da narrativa, o Regatão retoma a história, e o narrador atenta o leitor para o caráter moral devido as faces demonstradas “é que a hipocrisia como o camaleão tem a propriedade de alteração das cores” (Amazonas, 2011, p.67). Essa percepção da comparação com o animal, reflete na intenção no personagem movido por conveniência, dado espaço também para a entrada de um novo personagem, seu amigo Loiola, ambos dedicados ao estudo da direção dos indígenas, Régis ao missionário de Caboquena, e Loiola ao de Lamaloga.

A retomada de Régis a narrativa, desencadeada pela hipocrisia e satisfação dos desejos, resulta na pretensão do mesmo à indígena Simá, afim de obter sucesso em seu plano de conquista, tenta raptar a moça, com a exigência de possuí-la. Isso causa um grande impacto, pois Mabbé um principal ouve entre os arbustos este plano que seria articulado na Casa de Oração (Amazonas, 2011, p. 180), o que retrata uma futura tragédia. A partir disso, faz-se o intuito de vingar ao insulto do rapto de Simá, e os Manaus brandam:

ao que temos chegado em nossa terra aos olhos dos europeus? [...] Ao princípio negaram-nos a humanidade; e se hoje nola toleram, não é senão para divertirem no desfrute de nossos esforços para correspondemos a essa civilização, a que nos obrigam. E em cúmulo de tanto vilipêndio, que nos há custado essa miserável situação, mil vezes inferior à do escravo [...] são arrebatadas de nossos braços para cevo da brutal sensualidade de nossos dominantes” (Amazonas, 2011, p.270).

É um pretexto além do suficiente para uma rebelião, pois é uma “aleivosia” que um dia com a mudança dos tempos, já se permitiu uma indígena a ser reservada ao desfrute dos brancos, e “se entendia naquele tempo a respeito dos indígenas! E hoje! Não obstante o lapso de um século!” (Amazonas, 2011, p.251). Com o desastre já à tona no capítulo XXI- A rebelião, Mabbé toma a atitude armada pelo disfarce em estratégia, em que as circunstâncias pediram ao intolerável insulto ao rapto da indígena:

uma rebelião, cujo interesse não era dos que nela se comprometiam, os quais não serviam mais [...] ditados pelo seu bom senso, e afetuosa dedicação ao missionário, ouvindo a disposição para seu massacre, puderam no começo da marcha subtrair-se ao grosso da força, e adiantar-se-lhe para salvá-lo: e assim, foi que os vimos arrombar de um golpe a porta da missão, amparar-se dele, e desaparecerem (Amazonas, 2011, p.272).

Esta tragédia resultou em povoações incendiadas, massacres, revoltas nas povoações de Lamalonga, Caboquena e Bararóá. No capítulo XXII intitulado “A catástrofe”, Régis, descobre que a jovem Simá, na verdade, é sua própria filha, devido ao anelão em seu pescoço percebe que Severo é ‘o Marcos de Coari’. A narrativa é finalizada pela proporção do fogo, as chamas do incêndio a igreja foram rápido “havia ganho o teto que não tardou a desabar; e toda a igreja foi convertida em uma fogueira em cujas chamas se consumiam quatro cadáveres” (Amazonas, 2011, p.284). Os corpos correspondem a Simá, Santo Eliseu, Severo/Marcos e Régis, todos mortos pelo horroroso espetáculo, este já previsto por Xomana. Este destino já estava escrito, a fatalidade servia apenas para confirmar a tenacidade, algo que “ninguém melhor que os portugueses mesmos me proporcionará a oportunidade” (Amazonas, 2011, p.287). A tragédia já estava celada e escrita, apesar dos indícios deixados pelo narrador, o leitor consegue refletir a partir da temática original brasileira, consolidada pelo fogo e estrupo que destrói tudo ao seu redor.

Em virtudes dos fatos mencionados, as cinzas do incêndio que consumiu a igreja, levaram entes mais caros, essa fatalidade serviu como confirmação de resistência dos indígenas, perante aos portugueses. A obra de Lourenço Amazonas, enfatiza principalmente o trágico, esse olhar pessimista e crítico em relação a presença europeia na Amazônia. O enredo termina por tragédia e não acende nenhuma luz de esperança, afinal, o domínio português demarcou sua posse, incrustou seus símbolos, estabeleceu fronteiras e não teve pena, nem respeito a não ser por sua própria ideologia colonialista. Como última observação optar por utilizar a primeira edição do livro para leitura e terceira edição para análise, é uma das formas de demonstrar a importância da obra, as diferenças e sua notável invisibilidade. Atendados para a expressão de uma metáfora a trajetória de vida dos povos originários, que estão em constante luta pela independência, mesmo que não sejam considerados pela historiografia oficial como o verdadeiro símbolo da identidade brasileira para o século XIX.

### **3.3 Simá-Romance Histórico do Alto Amazonas: a primeira obra indianista**

Considerada pelos estudiosos como a primeira manifestação do indianismo no Amazonas, *Simá: Romance Histórico do Alto Amazonas* publicada em Recife, 1857, de Lourenço Amazonas possui características das quais antecipa certos traços estéticos e

ideológicos consolidados pelo famoso/clássico modelo alencariano. A narrativa tem seu valor literário por representar um modelo plural, que mescla a estrutura clássica da tragédia grega, o regional, indianismo e o romance histórico. No romantismo brasileiro, essa mescla é uma tendência que se manifesta de várias formas com o objetivo de representação da identidade nacional e suas características, ou seja, compartilham do mesmo ideal e são duas faces da mesma moeda. Mas, ambas são identificadas em diferentes lentes por possuir peculiaridades.

A obra indianista *Simá-Romance Histórico do Alto Amazonas*, possui características do século XIX, um romance que mergulha na floresta e o indígena como herói nacional, fazendo parte do processo de construção identitária brasileira. Um dos objetivos do indianismo é despertar nos leitores o sentimento de nacionalidade, o que para a literatura será figurado no indígena, a natureza e um pano de fundo de história de amor. Contudo, Lourenço fora sagaz, e escreveu para além do que a sociedade esperava, “parece ter sido esse livro a primeira e única tentativa de Amazonas no gênero, possível razão para se apresentarem na obra aspectos que demonstram falta de traquejo do autor no trabalho romanesco para conquistar o leitor” (Furtado, 2012, p.08). Esses aspectos diferentes do esperado influenciam na leitura do texto, o leitor dificilmente entenderá toda a trama a partir da primeira leitura, ou logo da *Introdução*, devido a mescla de outros elementos não conhecidos.

Nesse contraponto a estrutura padrão, Lourenço Amazonas cria a narrativa através da percepção e convivência com indígenas, mediante a catalogação do IHGB. A hipótese mais viável é que o escritor se inspirou nos movimentos revolucionários indígenas, e produziu a narrativa pelo formato de denúncia nas entrelinhas de seus escritos, mas nos moldes do código permitido. Aliás, nota-se que o autor “por vezes foi considerado o precursor do “romance amazônico”, dado voz ao regional” (Munaro, 2020, p.03). A presença de Lourenço na Amazônia e paixão em escrever sobre, reflete na crítica notável por suas vivências, incluindo hábitos e costumes locais, ocupação profissional, crenças e credices, festejos, etc.

Além disso, os elementos indianistas em *Simá* embora estejam presentes, são colocados de forma crítica e complexa. Desse modo, é abordado uma visão realista da cultura indígena, propondo apresentar em sua elaboração o questionamento diferente do ideal romanesco. A personagem-protagonista Simá, configura uma das problemáticas brasileira, colocada no tríplice de paternidade da moça/heroína, entre Marcos, Régis e Frei Eliseu. Cada qual revelada meramente por representações: indígena (pai adotivo), colonizador (pai biológico) e missionário (pai espiritual). Por esse pressuposto, atrelado a ideia de colonização, a integração dos três grupos, com papéis divergentes, resulta relações complexas, demonstradas por conflitos, adaptações e resistências. Lourenço, ao finalizar o romance no capítulo *XXII*-

*Catástrofe* apresenta a posição que “aniquilou uma realidade na qual não soube se posicionar, haja vista que hesitou, em nível consciente, entre duas posições antagônicas. Nessa ambiguidade, [...] à feição dos demais indianistas brasileiros, a preferência foi pelo holocausto” (Krüger, 2003, p.252).

Obstinado na crítica ambígua, a tendência recai também para a natureza exuberante, pois em *Simá* as técnicas de construção apresentam longas excursões pela geografia e a história. Assim Krüger (2003) argumenta que:

a impressão de que, em alguns capítulos, houve uma inversão: ao invés de contar e deixar que invólucro geográfico e histórico fosse naturalmente ressaltado, o narrador preferiu descrever a paisagem física e comentar os eventos históricos, para neles, como mera ilustração, situar personagens que, muitas vezes, apenas parecem fantoches (p.233).

Nesse ponto, é perceptível nos capítulos I, IV, VII, XVI, XIX, XXI e XXIII, são respectivamente momentos que o narrador descreve as paisagens, lugares, além da história literária e épica. Assim, o narrador intruso guia o leitor através de seus indícios e premonições, despertando o enigma que, na verdade, é uma reflexão “sobre o encontro de dois mundos que se chocam e, ao mesmo tempo, atraem-se pelo fascínio ao desconhecido” (Telles, Graça, 2021, p.95). Respeitando assim futuras interpretações do leitor, sem cegá-lo perante aos eventos e acontecimentos ficcionais e históricos, e sim, auxiliando na conduta como é narrado o romance e suas contradições explícitas e implícitas.

Além da estrutura marcada pela fusão entre a dúbia linguagem, a obra indianista *Simá* é a primeira a ir contra e, ao mesmo tempo, a favor de “uma visão otimista do encontro de civilizações, mas permite entrever os pesadelos internos” (Souza, 2003, p. 223). Principalmente, por possuir uma linguagem que envolve desejos, paixões, atitudes proibidas como incesto e as relações sexuais interétnicas. Vale ressaltar também, que a narrativa reconstrói em sua Literatura romântica a História do Amazonas, desde os acontecimentos na narrativa como: a província, a colonização amazônica, a corrida pelo ouro negro: a borracha, as Partidas de Demarcações e o governo da metrópole e a companhia de Jesus e a Rebelião de Lamalonga (1757).

No entanto, os critérios de aceitação da criação instauram a marginalidade, que a província “somente aceita os códigos já devidamente mastigados e expelidos pela metrópole [...] não reconhece a “tradição” oficial que confunde a linguagem do regionalismo com xenofobia do comício político” (Souza, 2003, p.30). Escrever com limites é um processo ideológico paralela aos códigos e valores hierárquicos, fundamentados pela imposição do que

pode ou não dizer quando se faz arte ou literatura. A dominação literária sobrepõe os pensamentos desejados, o que resta a margem apenas se estabelecer na linguagem do silêncio, repressiva e castradora. Algo que aconteceu com “o primeiro romance amazônico”, empoeirados no tempo ao longo de três edições, como verifica-se desde 1857, 2003 e até 2011. Portanto, a obra tem seu valor histórico-literário inegável, mas permanece restrita aos nichos acadêmicos e de preservação histórica, sendo quase exclusiva por pesquisadores.

### 3.4 O protagonismo feminino indígena

A representação da mulher indígena na obra indianista, requer interpretações através do contexto histórico e literário, principalmente por ser construída na perspectiva romantizada ou contraditória, em linhas gerais, é um fator que deve ser analisado com cautela porque pertence a formação da identidade nacional brasileira na literatura do século XIX. Esse protagonismo indígena pode soar pejorativo, ao tratar-se do indianismo brasileiro, e por configurar a mulher indígena como objeto de desejo, protetora dos valores culturais, heroína e submetida à visão eurocêntrica dominante. Mesmo assim, existe outra linha tênue que contrapõe o óbvio, que busca dar voz e dignidade ao feminino.

Focando na proposta de antecessores indianistas Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães, dois grandes exemplos de marco literário de maior prestígio são as obras *O guarani* (1857) e *Iracema* (1865) de José de Alencar, retratada na dualidade de sua construção que contrapõem a *Simá-Romance Histórico do Alto Amazonas* de Lourenço Araújo. Embora os romances abordem a temática da mulher indígena e a colonização, suas narrações se opõem no reconhecimento de um, e apagamento de outro. Em análise de comparação entre *Simá* e *O guarani*, publicadas no mesmo ano, 1857, mas de formas opostas, observa-se que "um dado a diferenciar a escrita e a influenciar a recepção de *Simá*: não ter sido publicado em folhetim, mas direto em livro" (Furtado, 2012, p. 08). O modo de publicação e recepção afetam em sua leitura, integrados a uma pouca visibilidade do escrito.

Nessa perspectiva, os meses e lugares de publicação das duas obras são opostas, de um lado Alencar buscou o rodapé de folhetim em 1º de janeiro no jornal *Diário do Rio de Janeiro* e concluído em 27 de março de 1857, e de um outro, não se tem fontes bibliográficas registradas do dia e mês exato de publicação, apenas o ano e local. Assim, Lourenço em 1857, publica o romance na cidade de Recife, na casa editorial *Tipografia de F. C. de Lemos e Silva*, localizada na época na rua das Trincheiras, nº 44, Pernambuco (Amazonas, 1857, p.01). Esses dados apresentados e os dados ignorados, como ausência de dia e mês reafirmam a invisibilidade da

obra de Lourenço, algo que Alencar não teria problema, porque estava mais próximo ao público e leitor, que:

optou por aquele mais palatável ao seu gosto, haja o contra-argumento de que essa opção foi favorável a *O guarani* em função de ter sido publicado em folhetim, na Corte, por um autor que já tinha receptividade de público, temos que levar em conta que *Simá* poderia furar o cerco se mais adequado às expectativas do leitor (Furtado, 2012, p. 09).

Além do contratempo de publicação e público alvo, outra obra alencariana que tem uma rivalidade literária, percebida não só para fins estéticos e representativos, é celebrada no protótipo europeu exatamente 8 anos após publicação de *Simá*, em *Iracema* de 1865, pois “a percepção do autor de *Simá* em relação a presença europeia na Amazônia é crítica e pessimista, o que difere do autor de *Iracema*, que é condescendente e tenta justificar o processo civilizatório empreendido pelos europeus no Brasil” (Telles; Graça, 2021, p.93). Nessa perspectiva, entende-se que no plano temático e histórico, *Simá* supera *Iracema*, principalmente pelo escritor Lourenço demonstrar a presença europeia na Amazônia, uma crítica através da ficção, diferente do romantismo alencariano. Essa percepção pode ser vista através do ato concebido (concepção no contexto sexual) e o nascimento (gravidez) de Moacir e *Simá*, personagens respectivamente das obras *Iracema* e *Simá- Romance Histórico do Alto Amazonas*.

Nesse mesmo contexto, entre as personagens Delfina e *Iracema* existe duas histórias parecidas, mas que possuem significados divergentes. Na perspectiva de Lourenço, o contato da indígena com o colonizador (Delfina e Régis), representa o trauma e violência, ilustrado na história dos povos autóctones da Amazônia. E quando *Simá* nasce, é um fruto de uma relação desonrosa, que causa dor e morte de sua mãe. Já na perspectiva de Alencar, a virgem tabajara em contato com o português (*Iracema* e Martim), representa a morte honrosa, pois deixa o filho Moacir como fruto do seu amor. Conforme, Batista (2018) “Tanto em *Iracema* quanto em *Simá* o relato da formação brasileira é presente, a ideia do brasileiro; onde o resultado se dá a partir da relação do europeu com o nativo, o indígena” (p.45). Representa assim, olhares de uma forma da construção histórica representada na ficção, cujas características apresentam aspectos históricos da época, revelada pelo indianismo.

Ademais, pautar a importância de uma obra para outra, não desmerece seu trabalho literário, porque tanto *Simá*, *Iracema* e *O guarani*, representam um valor estético específico para seus autores e leitores. O propósito da comparação é reafirmar a ideia de visibilidade da obra de Lourenço, que não anule seus valores literários. Portanto, a conversação do protagonismo indígena em diálogo com essas obras, reafirma a ideia de identidade nacional a

partir da miscigenação, entre indígenas e colonizadores. O sujeito/personagem dos escritos indianistas, revivem a formação do Brasil, sendo complexo e multifacetado, para alguns como processo de civilização e integração, para outros violência e extermínio. Com isso, a postura narrativa da mulher indígena como protagonista de sua própria história, apesar de sua composição estereotipada, subjugada ou violentada como mulher e indígena. É revelada como símbolo mor de originalidade da fase romântica é tomado como herói ou heroína, “na medida e forma concebida pelos padrões da classe dominante” (Damasceno, 2020, p.08). Reintegrando o irônico, do ideal para se escrever perante a sociedade dominante e escassa.

### 3.5 A invisibilidade da obra indianista Simá

A invisibilidade da obra de *Simá- Romance Histórico do Alto Amazonas*, parece estar enraizada em fatores estruturais que vão além da simples falta de circulação do romance. A baixa visibilidade, aliada ao resgate tardio e ao uso quase exclusivo por alguns pesquisadores, sugere que o livro nunca atingiu um público amplo o suficiente para garantir sua permanência na discussão nacional, pois a referida obra não aparece nos compêndios de literatura brasileira. Além disso, seu desalinhamento ao modelo hegemônico do Indianismo contribuiu para que ficasse à margem do cânone literário dominante.

Em um caráter lógico e de ordem considerada “geral”, afirmar que *Simá* está por muito tempo invisível aos olhos do público, torna-se relevante no estudo. Reconhecer que o romance está a par das características padronizadas, por continuar permanecendo à margem do cânone nacional. Alguns dos elementos que levaram ao empoeiramento, tanto no sentido literal, quanto simbólico, estão alinhados aos seguintes motivos: (i) Baixa circulação após a primeira edição; (ii) Resgate tardio e restrito; (iii) Uso quase exclusivo por pesquisadores e (iv) Desalinhamento ao modelo hegemônico do Indianismo. Esses foram alguns dos resultados perceptivos, a partir da pesquisa bibliográfica apresentada. Pois bem, o objeto de estudo *Simá- Romance Histórico do Alto Amazonas*, representa causas mais profundas e estruturais para esse esquecimento.

Levantando esse viés, entender que houvera uma seleção daquilo que caberia como necessário para os parâmetros nacionais, e o romance histórico não obteve um maior prestígio, deslocando-se para margem em uma minoria. É um fator negligenciado, que permanece apagado, sendo mais uma vítima do ‘epistemicídio’, termo que no qual, refere-se a morte da construção do conhecimento, ou seja, que cria uma sobreposição e desqualificação ao conhecimento dos povos subjugados, não assimilados pela cultura ocidental (Santos, Meneses, 2009, p.350). Em linhas gerais, a visibilidade de sujeitos é feita “a partir do cânone

epistemológico ocidental, foram ignorados, silenciados, marginalizados, desqualificados ou simplesmente eliminados, vítimas do epistemicídio tantas vezes perpetrados em nome da Razão, das Luzes e do Progresso” (Santos; Meneses, 1940, p.233). Estar sujeito a algo é perceber sua significância ou insignificância, coisa que Lourenço já estaria apto perante ao público.

O elemento da baixa circulação da narrativa *Simá* após a primeira edição é evidente, pois sua publicação inicial 1857, como já bem fora analisado, praticamente desapareceu dos círculos literários nacionais, sem reedições por exatos 146 anos. Por essa perspectiva, elementos estéticos e a notoriedade do autor, influenciaram na percepção dos leitores, algo que demanda oferta e procura. Assim, é mais fácil excluir e guardar as produções do que as reeditar para que se mantenha vivo o pensamento da época, pode ser justificado por “o isolamento geográfico amazônico tenha contribuído para o isolamento literário ficcional amazônico [...] seja por continuamente as obras do Norte do país serem vistas e tratadas como regionalistas” (Batista, 2018, p.47-48). A falta de circulação é ocasionada de um pré-conceito enraizado, que desconsidera a Amazônia como parte da história nacional, por ser atrasada em quesitos literários do resto do país.

Outro fator a mencionar é o resgate tardio e restrito de *Simá*, as reedições de 2003 e 2011, ocorreram 8 anos, feitas pela Editora Valer. Isso indica uma forma de resgate da memória cultural da Amazônia, que voltou a circular novamente por iniciativas acadêmicas e de preservação histórica. O reconhecimento de *Simá* transborda cada vez mais no nicho academicista, isto é, retrata assuntos que ultrapassam o tempo “apresenta um contexto social opressor e cheio de possibilidades interpretativas para várias áreas do conhecimento, tais como: história, literatura, psicologia e filosofia” (Lima, 2019, p.106). Além da contribuição científica, as restrições para adquirir o texto gratuito será apenas na primeira edição do romance, 1857, cujo está disponibilizado e preservado na escrita da época, ou seja, palavras antigos divergentes as normas ortográficas atuais. Os termos e leitura dificultam a análise, fora usado apenas na leitura inicial, contudo, o livro atualizado pode ser adquirido em *sites* de compra ou em reserva de bibliotecas públicas com número limitado.

Paralelo a isso, o uso quase exclusivo por pesquisadores reafirma o diálogo com a atualidade, que majoritariamente é lida e pesquisada por investigadores sobre a literatura Amazônica, história regional, indianismo ou estudos da formação do romance brasileiro. No levantamento bibliográfico desta monografia, é perceptível o número de artigos, teses e dissertações que contemplam *Simá* como objeto de pesquisa, sendo objetivado por validar cada

vez mais os estudos nas Universidades. A crítica se torna um espaço de resgate que torna a literatura viva:

quanto mais ela tiver importância num dado meio cultural, na proporção de seus leitores, mais florescerá a crítica literária em seus diversos gêneros [...] há várias maneiras teóricas e metodológicas, como num reino dos céus de comentadores, analistas e intérpretes (Nunes, 1998, p.11).

A proposição de Nunes (1998) em *A crítica literária na América Latina*, parte do papel da crítica na invisibilidade de obras, que compreende o campo de confinamento ao espaço acadêmico. Neste caso, a minha análise indica que a obra só chegou a ter reconhecimento por uma disciplina obrigatória do Curso de Letras (CESP-UEA) “Estudos Temáticos de Literatura Brasileira I”. A institucionalização universitária amplia olhares que são limitados na escola, a inserção de *Simá* nas disciplinas ajudou a formar uma nova visão ao currículo e repertório cultural.

Para finalizar, o desalinhamento ao modelo hegemônico do Indianismo está assinalado desde o início do Capítulo III desta monografia, reiterando nas comparações das obras *O guarani* e *Iracema* de José de Alencar. Bem como, interligados pelo estilo narrativo híbrido e estrutura épica, combinado a elementos históricos e míticos em formato de epopeia, a exemplos da *Iliada* e da *Eneida*. Expostos por centralizar a Amazônia como espaço simbólico e protagonizar a mulher feminina à crítica colonial. Proposições que intensificam a oposição que ultrapassa a esfera romanesca, transpondo a “localidade do imaginário amazônico e se projetar como um homem de seu tempo que reflete sobre as questões que atravessam a produção artística” (Queiroz; Lima, 2008. p. 07). Tais afirmativas, levaram a invisibilidade de *Simá* uma lacuna que permanece sendo estudada nos estudos literários. Por isso, é importante haver a conscientização dando visibilidade aos seus efeitos contra a memória cultural e identitária amazônica.

### 3.6 Reflexões e recepção crítica da obra

Considerando as pesquisas e diálogos com teóricos, *Simá: Romance Histórico do Alto Amazonas* é de suma importância na literatura oitocentista, porque extrapola os limites literário, afim de criticar a questão identitária do país. É certo que, o objetivo de Lourenço fora atingido, porém devido a invisibilidade não pode receber tal sucesso de público, diferente de José de Alencar. Dessa forma, pretende-se contextualizar e refletir sobre o resgate e valorização da obra no panorama literário amazônico. A herança nacional oculta o Amazonas, e desmerece seu

valor por não apresentar tantos indícios sobre a América Latina. Assim, viabilizar o livro requer tornar visível algo que a sociedade da época fez questão de esquecer, mas que a atualidade poderá ver de outra maneira.

Em reflexões a se ponderar do resgate da obra, a percepção transborda o imaginário amazônico, evidente no contexto épico e de predomínio histórico. Uma relevância inserida desde a caracterização híbrida formada nos moldes clássicos da estrutura grega (introdução à epílogo- epopeia), como o processo cronológico e *flashback* do contexto histórico do romance. Há uma ênfase desde as datas perceptíveis e ambientadas “entre os anos de 1738 e 1750 constrói o percurso narrativo recuperando elementos etnográficos desde o início da ocupação do Alto Amazonas, ou seja, início do século XVII” (Pereira, 2020, p.142). Ambos entrelaçamentos dos acontecimentos ocorrem em dois espaços: Sítio Novo Remanso e o Povoado de Santa Isabel. É importante lembrar esses elementos de análise, principalmente pela da mescla em abordagem histórico-literária proposto nesta monografia.

Nesse sentido, focados no não-ficcional, a mescla de informações históricas é evidente no conflito gerador da tragédia final. Devido a interação entre religiosos, colonizadores e indígenas, dos quais formaram o espaço do que se aconteceu na ocupação territorial da região amazônica. Segundo Pereira (2020), esse processo se relaciona ao povoamento do Alto Amazonas, pois “a destruição das chamadas Missões dos Cambebas nos anos de 1700, as revoltas de Lamalonga ou Revolta do Manáos (1723), Revolta Caboquena (1723-1727), Revolta de Bararoás (1757), entre outros” (p. 143). Esses indícios apontam para entender as revoltas cometidas naquele tempo, que o século XIX escreve no cenário ficcional do Amazonas. A leitura e releitura da obra, apresenta diferenças de entendimento, isso realça a expectativa e visão crítica do trabalho, que embora seja difícil de compreender revive evidências que podem passar despercebidas.

Representar um papel de leitor crítico desafia a ótica humana de criticidade para opinar sob qualquer circunstância, o leitor especializado no material teórico, prefere avaliar suas considerações e análises para melhor desenvolvimento do estudo. Em contextualização e reflexão ao cenário brasileiro, *Simá* é marcada por escassez de recepção crítica representando um fragmento das tantas exclusões regionais já limitadas pelo cânone. A invisibilidade reflete não apenas no esquecimento editorial da produção do Norte, mas também, estabelece uma hierarquia de circulação. Tal afirmativa permite entender a Literatura Amazonense “não se resume apenas para aqueles que pertencem à região amazônica, mas a todos os estudiosos que se debruçam sobre os estudos de Crítica Literária” (Batista, 2018, p.41). Atributo que acontece

com o baiano Lourenço Araújo, inspirado pela região, a desenvolver seus estudos etnográficos, críticos e literários, mesmo que esteja deslocado do lugar de origem.

Para a sociedade amazonense, o romance elege um protagonismo indígena que possibilita reconhecimento e preservação da memória e identidade do Amazonas. O indianismo é um dos primeiros contatos de reconhecimento do povo com a “identidade do Brasil”, uma forma geral de esclarecer as primeiras visões sobre si mesmo e o lugar inserido. Assim, coube aos escritores da época transportarem pela literatura o símbolo de nacionalidade. O método possibilita escritos que vivem e sobrevivem no tempo, pois a narrativa ficcional em prosa é uma “maneira mais acessível e atual de apresentar a realidade, oferecendo ao leitor maior dose de verossimilhança [...] aproximando o texto de sua experiência pessoal” (Candido, 2002, p.40). A literatura fala e também se exclui, utilizando a linguagem escrita para expressar ideias, sentimentos e reflexões, criando um novo mundo de possibilidades ao falar do outro.

A partir disso, a memória desempenha um papel crucial no campo literário, servindo como ponto entre o passado e o presente, permitindo que os autores resgatem informações individuais e coletivas através das obras produzidas. Na perspectiva do autor indianista, escrever um tipo narrativo cujo protagonista é o indígena requer explorar a cultura, o amor, a natureza, os povos indígenas e tradições, com foco na identidade. Desse modo, Lourenço propõe construir críticas e reflexões no molde romântico, utilizando o uso da metáfora do entrechoque dos mundos sem legitimar a violência da colonização. Por isso, o baiano “traz à baila a problemática do genocídio, físico e simbólico. Fruto de estupro, *Simá* representa [...] o produto de um ato violento que acabou por inaugurar uma identidade fragmentada” (Martins; Ferreira, 2024, p. 74). Identidade que transcorre a memória e identidade amazônica, marcada por lutas e resistência ao invasor-colonizador.

Em suma, as reflexões e recepção da obra compõem noções teóricas do engrandecimento que o romance tem nas discussões acadêmico/científico contemporâneo. Assim, ao inserir *Simá* nesse e em outros estudos, é uma maneira de ajudar na conscientização da pluralidade de vozes na literatura brasileira e amazonense. A visibilidade da narrativa reforça uma reavaliação de importância, no qual o público acadêmico-pesquisador fomentará *insight* de um material rico para a História e Literatura. Ampliar os horizontes críticos no lugar que se está inserido, no caso, o Amazonas e o Brasil, estabelece a posição de cidadão preocupado com a formação humana. Direcionado em participar da construção do conhecimento, isto é, trazer para o palco partes deixadas de lado e invisíveis, como é o caso da obra indianista *Simá* de Lourenço Amazonas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada demonstra que a valorização da obra "Simá-Romance Histórico do Alto Amazonas, publicado em 1857 e reeditada em 2011, é fundamental para a compreensão da identidade amazônica e para combater a invisibilidade imposta pelo cânone literário. Ao trazer esse romance do século XIX para o debate acadêmico, foi possível enriquecer o conhecimento sobre a cultura regional e propor novos olhares sobre a historiografia literária do Amazonas. Ficou evidente o descaso perante a literatura produzida no Norte do país. Apesar do distanciamento histórico, geográfico e literário, essa produção ainda sofre com o preconceito enraizado na sociedade. Visibilizar o romance "Simá" representa uma forma de torná-lo acessível aos olhos acadêmicos e científicos, aproximando-se da conscientização da memória do Amazonas do século XIX.

A discussão sobre o resgate a valorização dessa obra abandonada, propõe reconhecer e viabilizar a interligação entre época e atualidade. Em iniciar, pela escrita de pauta dessa problemática, pois, o romance indianista *Simá* extrapola seu caráter de denúncia e torna uma metáfora da tragédia pela qual passou os nativos do Amazonas no século XIX. E merece visibilidade, assim como as outras obras de maior prestígio vislumbradas pelo cânone, devido ao "total desconhecimento dos historiadores da literatura brasileira, uma vez que ela foi impressa em Recife" (Batista, 2018, p.44). Para tanto, incluir essa obra representa trazer para o centro das discussões, uma busca em corrigir omissões históricas e literárias, promovendo um reconhecimento mais justo e abrangente da contribuição amazônica para a cultura brasileira.

Os objetivos dessa pesquisa foram alcançados, a invisibilidade fora evidenciada a partir do aprofundamento teórico e os argumentos citados como: (i) baixa circulação após a primeira edição; (ii) resgate tardio e restrito; (iii) uso quase exclusivo por pesquisadores, (iv) desalinhamento ao modelo hegemônico do Indianismo. Dessa forma, a notoriedade de *Simá: Romance Histórico do Alto Amazonas* está visível aos olhos, demonstrando que tem sim no que acrescentar a visão do herói nacional que valoriza seus traços, por tradições, cultura e identidade indígena. As pesquisas sobre o contexto histórico-literário do século XIX e a análise da obra revelaram respostas para as questões e hipóteses levantadas, especialmente sobre a desvalorização e invisibilidade da obra indianista em contraste com obras consagradas como "O Guarani" e "Iracema" de José de Alencar.

Desse modo, a metodologia utilizada de cunho bibliográfico-exploratório de natureza qualitativa, realçaram os caminhos e fases da pesquisa. Este meio, intensificou o levantamento e seleção de dados, como os artigos, teses e dissertações que contribuem para o diálogo entre

teóricos, publicações e discussões apresentadas. As limitações foram superadas por conseguir driblar a invisibilidade, e propor uma crítica-reflexiva pela abordagem histórico-literária. Assim, os indícios analisados colaboraram com métodos, instrumentos e procedimentos escolhidos, alcançando os resultados esperados. Com a identificação da notável falta de visibilidade, a pesquisa supera a problemática, e se justifica por contextualizar em uma ponte entre a época e a contemporaneidade.

Ademais, falar do Amazonas no século XIX significa apontar descaso em relação aos povos autóctones que sofreram marginalizados por dominações coloniais. Salienta-se que, desenvolver diálogo da História de forma cronológica do livro e da época, irá proporcionar um resgate de algo esquecido, logo, “não o faz como se fosse uma história do passado, mas como um processo que favorece a compreensão do presente” (Souza, 2019, p.16). Resignificar e refletir sobre o passado não anula o futuro, se reconhecer em um livro não retira o valor de outros. A marginalidade sofre na imposição social, o pré-conceito enraizado na mente dos povos, em que é difícil retirar o implantado, mas poderá ser demonstrado por outras perspectivas. O romance *Simá* é fictício, mas o valor histórico-literário é real, reconhecer a negligência é esquecer a comparação e focar no conteúdo. Assim, investigar e analisar a obra é uma proposta de intervenção para que essa problemática seja reconhecida como fundamental para o contexto do momento e da contemporaneidade, um meio de valorizar o Amazonas e seus escritos.

## REFERÊNCIAS

- AMAZONAS, Lourenço da Silva Araújo. **Simá: Romance histórico do Alto Amazonas**. Recife, PE: Tipografia de F. C. de Lemos e Silva, 1857.
- \_\_\_\_\_. **Simá: Romance Histórico do Alto Amazonas**. 3. Ed. Manaus: Valer, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário Topográfico, Histórico, Descritivo do Alto Amazonas**. Vol. 1. Manaus: GRAFIMA, 1984.
- AMORIM, Francisco Gomes de. **Os Selvagens**. 2. Ed. Manaus: Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2004.
- ALMEIDA, M. Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil no século XIX: da invisibilidade ao protagonismo**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2012. P.135-167.
- BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista brasileira de ciência política, Brasília, n. 11, p. 89–117, 2013.
- BATISTA, Maison Antônio dos Anjos. **Apagamento Histórico-Literário de Simá**. Decifrar, 2018. RD – Ano 5, Vol. 5, N. 10, ISSN 2318-2229, PPGL-UFAM. P 39-50. Disponível em <http://periodicos.ufam.edu.br/Decifrar/index>. Acesso em 10 de maio de 2024.
- BELEIERO, Thiago Granja. **A polêmica em torno da literatura indianista no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro 1838-1860**. Colloquium Humanarum, Presidente Prudente, v. 16, n. 3, p. 128-143, jul./set. 2019. Disponível em: <http://journal.unoeste.br/index.php/ch>. Acesso em: 4 jun. 2025. DOI: 10.5747/ch.2019.v16.n3.h438.
- BLAKE, Augusto Victoriano Alves Sacramento. **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893, 7v.
- BLOOM, Harold. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- BRASIL. **Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. Código Penal. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 31 dez. 1940. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848compilado.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm). Acesso em: 4 jun. 2025.
- \_\_\_\_\_. **Projeto de Lei nº 5.466, de 2019**. Institui o Dia da Resistência dos Povos Indígenas e revoga o Decreto-Lei nº 5.540, de 2 de junho de 1943. Disponível em: <https://www.camara.leg.br>. Acesso em: 8 jun. 2025.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Cultura. **A carta de Pero Vaz de Caminha (1500)**. Brasília: MEC, [s.d]. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/123456789/1600>. Acesso em 20 de junho de 2024.
- CANDIDO, Antonio. **O Romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 6 ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 1990.

CASTRO, Sílvio. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Porto Alegre: L e PM, 2003.

DAMASCENO, Laura Emília Beatriz Lourenço. **A representação da mulher indígena na literatura brasileira: leitura comparada entre a escrita poética e autoral de mulheres indígenas e autores não-indígenas**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Clássicas e Vernáculas) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19832>. Acesso em: 4 jun. 2025.

DIAS, Ronaldo de Sousa; SILVA, Mônica Ferreira da. **Como escrever uma monografia**. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPEAD, 2009.

FURTADO, Marli Tereza. **O Guarani e Simá**: propostas para o romance brasileiro à escolha do leitor. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 13., 2012, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: ABRALIC, 2012. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/1853>. Acesso em: 23 maio 2025.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20–29, maio/jun. 1995.

GONDIM, Neide. **Apresentação**. IN. AMAZONAS, Lourenço. Simá: Romance Histórico do Alto Amazonas. 3. Ed. Manaus: Valer, 2011.  
\_\_\_\_\_. **A Invenção da Amazônia**. 2. Ed. Manaus: Valer, 2007.

HIGA, Carlos César. **Cabanagem**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiab/cabanagem.htm>. Acesso em: 10 maio 2025.

KRUGER, Marcos Frederico. **Amazônia: mito e literatura**. 3. Ed. Manaus: Valer, 2011.  
\_\_\_\_\_. **Amazônia: mito e literatura**. Manaus: Valer- Governo do Estado do Amazonas, 2003.

LIMA, Neivana Rolim de. **Protagonismo feminino e violência em Simá – romance histórico do Alto Amazonas –, de Lourenço Araújo e Amazonas**. 2019. 130 f. **Dissertação (Mestrado em Letras)** – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/7948>. Acesso em: 3 jun. 2025.

LUGARINHO, M. C. (2021). **Cânone e Crítica: Superações**. **Cadernos De Literatura Comparada**, (43), 255–267. <https://doi.org/10.21747/21832242/litcomp43a15>.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2017.  
\_\_\_\_\_. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Hyago Ribeiro; FERREIRA, Arcângelo da Silva. **Cultura, memória e imaginário: em busca de outros olhares sobre nuances da história da Amazônia** / Org. Arcângelo da Silva Ferreira. – Embu das Artes, SP: Alexa Cultural; Manaus, AM: EDUA, 2024.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MUNARO, Luís Francisco. **A Amazônia e a fundação do Brasil na obra Simá (1857) de Lourenço da Silva Amazonas**. *Intellèctus*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, 2020. Disponível em: <http://portal.amelica.org/ameli/journal/802/8024394002/>. Acesso em: 4 jun. 2025.

NUNES, Benedito. **Ocaso da literatura ou falência da crítica? Língua e Literatura**, n.24, p.11-22, 1998.

PEREIRA, Danglei de Castro. **Representação literária do indígena no romantismo brasileiro: o caso Simá, de Lourenço Amazonas**. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Niterói, v. 22, n. 39, p. 133-147, jan./abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2596-304X20202239dcp>.

QUEIROZ, Amilton; LIMA, Simone. **Simá: o (não) lugar da ficção amazônica na historiografia do romance brasileiro**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 11., 2008, São Paulo, Anais eletrônicos. São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <https://www.abralic.org.br>. Acesso em: 25 de maio de 2025.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: [http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf). Acesso em: 13 abr. 2025.

RANGEL, Alberto. **Maibi**. In *Inferno Verde: cenas e cenários do Amazonas*. Enviado por: Professor Guedella, 07 set. 2012. Recanto das Letras., Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/e-livros-de-contos/3869414>. Acesso em: 08 nov. 2024.

REIS, Artur Cézár Ferreira. **História do Amazonas**. Manaus: Valer, 2020.

ROMERO, Sylvio; RIBEIRO, João. **Compêndio de história da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1906.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SALES, G. M. A.; SILVA, A. V. F. da. **Os escritores da Amazônia do século XIX para além das histórias literárias**. *Revista da Anpoll*, [S. l.], v. 1, n. 43, p. 35–47, 2017. DOI: 10.18309/anp.v1i43.958. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/958>. Acesso em: 8 abr. 2025.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. P. 9-26.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 1. Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Rio de Janeiro: Almedina, 2009.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. 1. Ed. São Paulo: Record, 2019.

\_\_\_\_\_. **A Expressão Amazonense** - do colonialismo ao neocolonialismo. Manaus: Valer, 2003.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode um subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Ferreira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TELLES, Tenório. GRAÇA, Antônio Paulo. **Estudos de Literatura do Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 2021.

\_\_\_\_\_. **Simá – um romance sobre a Amazônia**. In: AMAZONAS, Lourenço. **Simá: Romance Histórico no Alto Amazonas**. 3. Ed. Manaus: Valer, 2011, 272 p. ISBN 85-86512-58-3.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Autores: Lourenço Amazonas**. Portal da Literatura Brasileira, UFSC, 2024. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=7128>. Acesso em: 01 dez. 2024.

WILKENS, Henrique João. **Muhuraida ou triunfo da fé**. Organização e Compilação: Weberson Fernandes Grizoste. Manaus/Parintins/AM UEA, 2017, 55 pp. ISBN: 978-85-7883-720-3.